

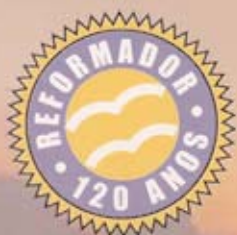
# Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 121 - Nº 2.089 - ABRIL 2003 - R\$ 4,00

# Espiritismo

Uma Nova Era para a Humanidade



Nesta Edição:

O Livro dos Espíritos

O Codificador e a Codificação

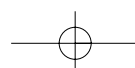
O Livro Espírita: algumas considerações

ISSN 1413-1749



9 771413 174008

LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS



Conheça o

# *ESPIRITISMO,* UMA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE

*DEUS,*  
INTELIGÊNCIA SUPREMA,  
CAUSA PRIMEIRA DE TODAS AS COISAS

*JESUS,*  
O GUIA E MODELO

*KARDEC,*  
A BASE FUNDAMENTAL



- O LIVRO DOS ESPÍRITOS
- O LIVRO DOS MÉDIUNS
- O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
- O CÉU E O INFERNO
- A GÊNESE

**"FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO"**

*Caridade: benevolência para com todos, indulgência para  
as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. (LE, 886)*



Conselho Espírita Internacional



Federação Espírita Brasileira

# Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 121 /Abril, 2003 / Nº 2.089



Fundada em  
21 de janeiro de 1883  
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da  
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação  
Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conj. F (SGAN)  
70830-030 - Brasília (DF)  
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home Page: <http://www.febnet.org.br>  
E-mail: [feb@febrasil.org.br](mailto:feb@febrasil.org.br)  
[webmaster@febnet.org.br](mailto:webmaster@febnet.org.br)

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	
Simples	US\$ 35,00
Aérea	US\$ 45,00

Diretor - Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Edi-  
tor - Altivo Ferreira; Redatores - Antonio Cesar Penri  
de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oli-  
veira São Thiago; Secretário - Iaponan Albuquerque  
da Silva; Gerente - Amaury Alves da Silva; REFOR-  
MADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73  
(DCDP do Departamento de Polícia Federal do Mi-  
nistério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 -  
L.E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico

Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

Tel: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Rogério Nascimento

Tema da Capa: Espiritismo, uma Nova Era para a  
Humanidade, com base na Campanha da FEB, que  
hoje se expande pelos cinco Continentes.

<b>EDITORIAL</b>	<b>4</b>
Espiritismo, uma Nova Era	
<b>PRESENÇA DE CHICO XAVIER</b>	<b>13</b>
Doutrina Espírita - <i>Emmanuel</i>	
<b>ESFLORANDO O EVANGELHO</b>	<b>21</b>
No trato com o invisível - <i>Emmanuel</i>	
<b>A FEB E O ESPERANTO</b>	<b>26</b>
O Esperanto presente na Casa Espírita, colaborando para o futuro da Humanidade - <i>Alberto Flores</i>	
<b>PÁGINAS DA REVUE SPIRITE</b>	<b>32</b>
Polêmica Espírita - <i>Allan Kardec</i>	
O Livro dos Espíritos - <i>Allan Kardec</i>	<b>33</b>
<b>SEARA ESPÍRITA</b>	<b>42</b>

<b>O Livro dos Espíritos - <i>Juvanir Borges de Souza</i></b>	<b>5</b>
<b>O Codificador e a Codificação - <i>Passos Lúrio</i></b>	<b>8</b>
<b>Filhos de gênios: o que são? - <i>Umberto Ferreira</i></b>	<b>10</b>
<b>Fantasia anímicas - <i>Manoel P. de Miranda</i></b>	<b>11</b>
<b>Elefantes brancos - <i>Richard Simonetti</i></b>	<b>14</b>
<b>Em busca de Deus - <i>Ismael Ramos das Neves</i></b>	<b>16</b>
<b>Expições e provas - <i>Mauro Paiva Fonseca</i></b>	<b>17</b>
<b>Congresso Espírita da USE</b>	<b>18</b>
<b>Critério de Allan Kardec: Salvaguarda do</b>	<b>19</b>
<b>Movimento Espírita - <i>Affonso Soares</i></b>	
<b>A Nota aos Prolegômenos de <i>O Livro dos Espíritos</i> -</b>	<b>22</b>
<b><i>Silvio Seno Chibeni</i></b>	
<b>A Prece de Cerinto - <i>Cerinto</i></b>	<b>25</b>
<b>José Yolando dos Santos</b>	<b>27</b>
<b>"Clone, mas diferente" - <i>Roberto Lúcio Vieira de Souza</i></b>	<b>28</b>
<b>Goles inofensivos? - <i>Jorge Hessen</i></b>	<b>30</b>
<b>A Voz de Deus - <i>Paulo Nunes Batista</i></b>	<b>31</b>
<b>II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE - (I)</b>	<b>34</b>
<b><i>José Carlos da Silva Silveira</i></b>	
<b>Livros Espíritas e Educação complementar - <i>Dulcídio Dibo</i></b>	<b>35</b>
<b>Amor ao próximo: denominador comum das religiões -</b>	<b>36</b>
<b><i>Fred Figner</i></b>	
<b>O Livro Espírita: algumas considerações - Parte I -</b>	<b>37</b>
<b><i>Aécio Pereira Chagas</i></b>	
<b>Entre o erro e o acerto - <i>Corydes Monsoreos</i></b>	<b>41</b>

# Editorial

## Espiritismo, uma Nova Era

**D**esde épocas remotas o homem tem noção da existência de Deus e vem conceituando-o das mais variadas formas, de conformidade com o grau de evolução em que se encontra. Com a Doutrina Espírita, surgida em 18 de abril de 1857, aprendemos que Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

Analisando a si mesmo, o homem tem acreditado que possui uma única existência, que começa no berço e termina no túmulo. Com a Doutrina Espírita, aprendemos que o homem é um Espírito imortal encarnado em um corpo material; que já existia antes de nascer e que continua existindo depois da morte do corpo físico; que reencarna inúmeras vezes e preserva toda a experiência de suas existências, indispensável ao progresso espiritual a que está destinado por força da Lei Divina.

A Mediunidade, que possibilita a comunicação dos Espíritos com os homens, embora não compreendida, sempre esteve presente na história do mundo, participando, direta ou indiretamente, de todos os avanços da Humanidade. Com a Doutrina Espírita, passamos a conhecer melhor as leis que regem o intercâmbio mediúnicos, assim como a adequada maneira de sua utilização.

Desde o totemismo o homem vem procurando uma diretriz de comportamento moral que atenda às suas reais necessidades de aperfeiçoamento. Com a Doutrina Espírita, aprendemos que Jesus é o Guia e Modelo para toda a Humanidade, e que a Doutrina que nos ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.

Estes e outros novos conceitos representam as revelações que os Espíritos Superiores trouxeram à Humanidade através da Doutrina Espírita e que vêm sendo confirmadas pelas pesquisas e conquistas da ciência humana.

Revelando-nos as Leis Divinas e ampliando a nossa compreensão em torno de tudo o que nos cerca, o Espiritismo nos mostra a bondade de Deus e a grandiosidade de sua obra, e abre uma Nova Era para a Humanidade, descortinando-nos o caminho do progresso espiritual que cabe ao homem trilhar.

Trabalhar, portanto, no sentido de colocar a Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos é o natural dever de consciência daqueles que se beneficiam com os seus ensinamentos e com as oportunidades de servir sob a sua orientação.

# O Livro dos Espíritos

Juvanir Borges de Souza

O século XIX – o “século das luzes” – viu surgirem e desenvolverem-se doutrinas filosóficas e sociais de fundo materialista que exerceram influência significativa sobre consideráveis parcelas da Humanidade.

Dentre esses sistemas destacamos o Positivismo, de Augusto Comte, o Marxismo, oriundo do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, e o Utilitarismo, idéias revividas por John Stuart Mill e Spencer, em 1865, originárias dos sofistas gregos e dos filósofos Hobbes (século XVII) e Benthan (fim do século XVIII).

Ao lado dessas escolas filosóficas e sociais, também as ciências deixaram-se influenciar pelo materialismo, como é notório e se torna evidente até os dias atuais.

Foi nesse ambiente, em que as religiões tradicionais se mostraram impotentes para enfrentar o materialismo multifário, que ocorreram fatos e idéias de extraordinária significação, que iriam demonstrar, aos que “têm olhos de ver”, que o nosso mundo tem um governo espiritual, sempre atento aos interesses maiores da Humanidade, sem prejuízo do livre-arbítrio dos homens.

Em uma década, contada do ano de 1848, apareceram os fenô-

menos ostensivos de Hydesville, as mesas girantes e o estudo aprofundado de todas as manifestações do Mundo Espiritual pelo missionário Allan Kardec.



Surge, então, em 1857, essa obra monumental – *O Livro dos Espíritos* – denominação que lhe dá seu autor, em homenagem àqueles que verdadeiramente se incumbiram de desvendar novos caminhos e novas verdades, de importância transcendental para os homens.

Era o socorro do Mundo Maior aos habitantes da Terra, ao mesmo tempo que se cumpria a promessa do Cristo de Deus de enviar um outro Consolador aos homens, pa-

ra lembrar-lhes seus ensinamentos e oferecer-lhes conhecimentos novos

A época escolhida pelo Governador Espiritual deste orbe, para a vinda do Consolador, atendeu a circunstâncias diversas, todas de interesse dos homens.

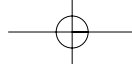
O transcurso de cerca de dezoito séculos, desde que deixara pessoalmente sua Mensagem de Amor, deu aos homens as oportunidades de progresso, de experiências e de entendimento que só o tempo proporciona.

As interpretações deturpadas de seus ensinamentos, cristalizadas pelas instituições humanas, já haviam produzido os efeitos lastimáveis das guerras e violências religiosas da Idade Média e Moderna.

As ciências, mesmo sob a influência do materialismo, avançaram em alguns de seus objetivos, com muitos descobrimentos.

A liberdade fora conquistada de forma penosa, mas já se achava reconhecida sob muitos aspectos, garantindo a presença de uma idéia nova no mundo, sem as perseguições e imposições dos detentores do poder.

O Espiritismo no mundo, em pleno “século das luzes”, é o conhecimento sobre a vida atual e futura do homem, ser espiritual imortal; é o socorro às religiões, na luta contra o materialismo; é a reafirmação e a demonstração da existência e



presença de Deus, o Criador do Universo e de todas as coisas; é o reconhecimento da importância do Cristo de Deus e de sua Mensagem como Governador Espiritual da Terra – o Verbo do princípio.

...

*O Livro dos Espíritos* “(...) foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado.” (Prolegômenos – 70. ed. FEB.)

A Espiritualidade Maior, à frente o Espírito da Verdade, valeu-se da mediunidade de diversos medianeiros e do preparo especial do missionário Allan Kardec para transmitir aos homens a Nova Luz, a Doutrina Consoladora.

Nas palavras esclarecedoras e sinceras do Codificador, “só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar.”

A gênese dessa obra, seu conteúdo, sua importância excepcional como base e início de uma Nova Era de conhecimentos, colocam-na em posição excepcional, não como mais um compêndio, mas como uma nova luz no mundo dos homens.

As antigas religiões orientais têm seus livros sagrados com as regras que nortearam a vida e as concepções de bilhões de criaturas através dos tempos.

O Velho Testamento, desdobrado em muitos livros, sintetiza a

religião monoteísta do povo hebreu.

O Evangelho de Jesus encerra, por sua vez, o mais valioso e belo código moral conhecido, com base no Amor Soberano.

*O Livro dos Espíritos* é a grande síntese de conhecimentos para os tempos atuais e futuros. Nele estão contidas verdades antiqüíssimas, sob nova roupagem, que fazem da Doutrina dos Espíritos a atualização de idéias e realidades que não deveriam perder-se, ao lado de novas revelações que descortinam uma Nova Era – a Era Espírita.

Verdades há muito conhecidas, como a lei das vidas sucessivas, os mandamentos maiores da lei mosaica relativos ao amor a Deus e ao próximo, todos os ensinamentos morais do Cristo de Deus constantes de sua Mensagem alinham-se ao lado de novas realidades, verdades que os homens não tinham condições de conhecer por si mesmos, e que os Espíritos Superiores mostraram como partes integrantes da ordem natural das coisas.

Nesse livro fundamental da Doutrina Espírita, a Filosofia se expande para além do mundo material já conhecido, penetrando o Mundo Espiritual, pátria comum de todos os Espíritos.

Nele, a Ciência e a Religião, em sentido lato, conciliam-se e interpenetram-se, mostrando a incongruência de uma aparente incompatibilidade entre elas, uma vez que ambas derivam da Criação divina.

Abordando as questões mais complexas com que se deparou o homem em todos os tempos, para o conhecimento do que se torna possível no estágio evolutivo em que se encontram os habitantes da

Terra, a linguagem utilizada pelos autores espirituais é, não obstante, simples e direta, ao alcance do homem comum.

Dir-se-ia que os autores espirituais, a falange do Espírito da Verdade, formularam *O Livro dos Espíritos* de forma sintética e acessível às inteligências comuns, já com o propósito de desdobrá-lo em outros títulos específicos.

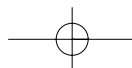
É o que se pode perceber em *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, desdobramentos da obra básica.

Observa-se hoje, há mais de 145 anos do lançamento da obra básica da Doutrina Espírita, que seus princípios fundamentais permanecem íntegros, sem necessidade de quaisquer retificações.

Findou-se o século XIX, com a forte influência do materialismo nos sistemas filosóficos desse período; surgiu e findou-se o extraordinário século XX, com suas heranças, seus questionamentos sociológicos, teológicos e filosóficos, e com as grandes descobertas científicas que surgiram.

Mas os princípios e as revelações novas dos quais foi portador *O Livro dos Espíritos* permaneceram inteiros e exatos, mostrando e demonstrando segurança e origem superiores.

O progresso e experiências das ciências do mundo, ainda dominadas pelo materialismo, parecem caminhar no sentido dos princípios espíritas. É o que ocorre com a Física Quântica, com a concepção da matéria como energia concentrada; com a Medicina, que tende a aceitar a existência do Espírito; com a Astronomia e a Cosmologia, com



suas atuais concepções do Universo.

Essas constatações dão aos seguidores da Doutrina Espírita razões para crerem na aceitação futura, em larga escala, no seio da Humanidade, das verdades espíritas.

Ao lado dos aspectos filosófico, científico e religioso da Doutrina, exposta em *O Livro dos Espíritos*, é inegável que nela se encontram, ínsitos em sua abrangência, princípios morais, éticos, sociológicos e educacionais, que a caracterizam como doutrina de educação, em sentido amplo.

O caráter científico do livro e da Doutrina decorrente das revelações nele contidas é ressaltado por Allan Kardec, não como mais uma ciência que só trata da matéria, mas de conhecimentos que se relacionam com os dois elementos do Universo – matéria e espírito.

Os aspectos religiosos sobressaem-se na obra dos Espíritos ao tratar de Deus, o Criador do Universo, a Inteligência Suprema, com seus atributos infinitos de Amor, Justiça, Bondade, Poder, Misericórdia, Sabedoria.

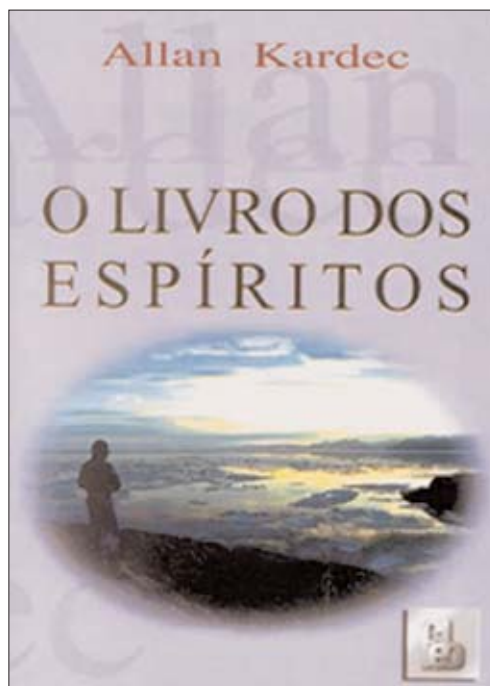
Deus, nos ensinamentos espíritas, é o Pai, como o compara Jesus, não comportando definições que ficam muito aquém de sua natureza. Por isso, não tem aspecto antropomórfico, como o Deus bíblico, nem pan-teísta, como nas religiões orientais.

A moral espírita fundamenta-se na moral cristã e com ela se confunde. Por isso o Evangelho de Jesus, entendido em espírito e verdade, é parte integrante da Doutrina dos Espíritos.

*O Livro dos Espíritos* demons-

tra a inconsistência e incongruência do materialismo, verdadeiro desvario da alma humana, que nega a si mesma e ao seu Criador.

...



*O Livro dos Espíritos*, publicado em sua primeira edição em 18 de abril de 1857, em Paris, França, teve sua edição definitiva, a segunda, a 16 de março de 1860.

Ambas as edições foram ditas e orientadas pelos Espíritos Reveladores, à frente o Espírito da Verdade, cabendo ao Codificador determinar a ordem, a distribuição metódica das matérias e as notas explicativas, o que ele fez de forma magistral.

A obra é composta de quatro partes: Das causas primárias; Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos; Das Leis morais; Das esperanças e consolações.

Terminada e revisada a obra, Allan Kardec escreveu a monumen-

tal Introdução, apreciando-a sob múltiplos ângulos e resumindo a doutrina dela decorrente. É nessa introdução que o Codificador cria os neologismos *espírita*, *espíritista* e *Espiritismo* para definir as coisas novas surgidas com o livro.

Escreveu também o Codificador a Conclusão, na qual rebate muitas objeções contra o Espiritismo e da qual destacamos o trecho final assinado por Santo Agostinho, um dos Espíritos Reveladores:

*“Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro. Durante muito tempo, porém, ainda haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Quereis saber sob a in-*

*fluência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do mundo? Julgai-o pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus prediletos e prediletos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até ele.”*

Nota – O presente trabalho foi calcado em outros do mesmo autor. ■

# O Codificador e a Codificação

Passos Lúrio

endo o livro *Obras Póstumas*, temos uma idéia exata dos principais acontecimentos que, passo a passo, levaram o renomado pedagogo Denizard Rivail a interessar-se pela Revelação Espírita, a cogitar de estabelecer as relações de causa e efeito para explicação da fenomenologia de que era testemunha e a proclamar a existência de uma Nova Luz na face do mundo.

Desde a primeira hora se empenhou a fundo no estudo do assunto, dando-se a trabalhos exaustivos e estafantes, a fim de realizar a obra magistral que nos legou, cunhada nas luzes do seu saber e nas admiráveis clarezas promanadas do Grande Além.

Pois bem, não obstante todo o seu fabuloso cabedal de cultura, que raiava pelos domínios da mais alta erudição, desde logo ele próprio fez questão de caracterizar sua posição de intérprete das Potestades Superiores, a serviço dos desígnios de Deus para com a Humanidade.

É na condição de Codificador que se situa no quadro geral de sua obra, do primeiro ao último livro, assinalando uma diferença distinta entre a Doutrina e o Homem.

Escolhe para denominações da Nova Revelação os termos: Filosofia Espiritualista, Doutrina dos Es-

píritos, Espiritismo, Terceira Revelação, Consolador Prometido, afastando a idéia de sua paternidade direta na fundação do novo sistema científico-filosófico-religioso, cuja codificação lhe foi confiada.

Em *O Livro dos Espíritos*, não obstante a sua atuação fecunda e brilhante, a presença das Entidades Reveladoras se faz simplesmente sensível. Quem não conhece esta obra? Quem já não a terá lido?

Em *O Livro dos Médiuns*, embora se estenda em comentários mais amplos, de sua própria lavra, conta com a colaboração freqüente dos Instrutores Espirituais que lhe desfazem as dúvidas, aclarando pontos embaraçosos, delicados e melindrosos do profundo filão mediúnico.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, suas luminosas páginas de consolação e esclarecimento, de encorajamento e orientação, alternam com as mensagens de portavozes da Alta Espiritualidade, que também consolam e esclarecem, encorajam e orientam, completando-lhe o trabalho de difusão da Verdade. Nesse livro, Allan Kardec teve o bom senso e a prudência de assinalar, no trabalho de abertura, os traços marcantes que podem e devem caracterizar o cunho de autenticidade da palavra do Alto. Quem não conhece esta obra? Quem já não a terá lido?

Em *O Céu e o Inferno*, depois de alentada parte de sua autoria, em

que se mostra senhor de uma dialética esmagadora, deixa mais de metade do volume para registro de comunicações de variegados matizes, pelas quais tomamos contato com depoimentos de Espíritos felizes e infelizes, bons e maus, cujas condições de felicidade ou infelicidade variam de acordo com o que fizeram e obtiveram nos domínios das provas e missões com que foram agraciados.

Em *A Gênese*, que não foge a esse crivo de elaboração, há duas coisas de notória e notável importância, para as quais somos compelidos a voltar a nossa atenção. Uma delas é a que diz respeito à “Introdução”, onde lemos estas judiciosas palavras do Autor:

*“Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.”*

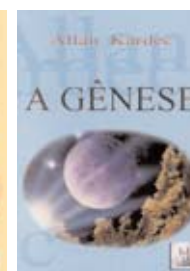
*Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle*



da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve consolidado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais, cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as idéias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.



Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda a verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.”

Depois dessa ressalva inspirada, oportuna e providencial, vem logo a seguir o primeiro capítulo de *A Gênese*, em que o autor, talvez em reforço do que fizera em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, teve, uma vez mais, o bom senso e a prudência de assinalar, também dessa feita no trabalho de abertura, os caracteres de identificação da autenticidade dos ensinamentos e conhecimentos do Espiritismo. Diz ele na Introdução: “Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda idéia de misticismo, fazem objeto do primeiro capí-

tulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.”

Quem quer que leia, atenta e cuidadosamente, as obras da Codificação, jamais conseguiria separar a contribuição humana de Allan Kardec da atividade intelectual propriamente dita dos Espíritos, se os seus comentários grandemente esclarecedores e instrutivos não figurassem destacados e em caracteres gráficos diferentes. A identidade de pensamento entre ele e as Entidades que o assistiam é simplesmente admirável.

Assim, quando algumas pessoas menos esclarecidas empregam a palavra *Kardecismo* para designar o *Espiritismo*, apenas incorrem num equívoco de denominação e não de interpretação, porquanto, se estas duas palavras não são sinônimas entre si, *Codificação Kardequiana* e *Doutrina Espírita* são a mesma coisa, o que equivale a dizer: *Codificação Kardequiana é Doutrina Espírita*.

Por que então teria o Iluminado de Lyon posto tanto empenho em nos despertar a atenção para pontos doutrinários que apenas refletiam pensamentos seus, quando atribui à obra por ele escrita caráter de essencialidade no conjunto das demais? Por que não o fez com relação às outras, das quais participou ativamente, em estreitíssima e fe-

cunda colaboração com os Instrutores Espirituais?

A resposta está lá no trecho transcrito.

Independentemente dela, concluímos muito logicamente que, sejam quais forem as nossas condições de profitescentes do Espiritismo, jamais poderemos e deveremos apresentar-nos como instrumentos de sua divulgação, se o objeto de

nossas dissertações, escritas ou faladas, não refletirem cristalinamente a essência dos ensinamentos doutrinários- evangélicos transmitidos pelos Emissários do Senhor.

O fato de escrevermos ou falarmos como espíritistas nem sempre quer dizer que estejamos falando ou escrevendo verdadeiramente sobre o Espiritismo ou a respeito das verdades da Doutrina Espírita.

Kardec colocou-se na condição de quem falava em seu próprio nome, para que ninguém se sentisse, um dia, no direito de falar ou escrever em nome do Espiritismo, quando o que estivesse em pauta fossem pontos de vista pessoais, sem a homologação dos seus postulados ou a indispensável concordância com eles. ■

## Filhos de gênios: o que são?

Ubirto Ferreira

**D**e acordo com o que anunciaram os meios de comunicação, há cerca de vinte anos, foi implementado um projeto de criação de um banco de sêmen, cujos doadores foram homens superdotados, especialmente ganhadores de prêmio Nobel. Dezenas de inseminações foram feitas com espermatozoides desse banco.

A intenção era a de conseguir que nascessem crianças geniais, considerando-se que os pais eram superdotados.

Recentemente, a revista *Veja*, em sua edição nº 1.767 (ano 35, nº 35), publicou interessante reportagem sobre o assunto. Afirma a reportagem que os filhos desses homens superdotados têm inteligência normal. Segundo ela, “o único ser identificado publicamente desde bebê, Doron Blake, tem 20 anos, toca cítara e quer distância das aulas de ciências”.

Nós espíritas, não esperávamos que os filhos desses homens de inteligência excepcional fossem todos gênios. Poderia acontecer um ou outro caso, mas com as mesmas possibilidades da população em ge-

ral. A reportagem cita as palavras de Vera Fehér, supervisora do Banco de Sêmen do Hospital Albert Einstein, de São Paulo: “As características físicas são, com certeza, herdadas pela criança. Quanto a particularidades como inteligência ou dotes artísticos, ninguém sabe se são transmitidos ou não.”

A Doutrina Espírita confirma que a herança genética é um fato. Por outro lado, ensina que a inteligência é atributo do espírito. É conquista de cada um, no esforço para evoluir. O homem pouco inteligente é um Espírito que não desenvolveu bem a inteligência nas encarnações anteriores. Há também casos de Espíritos muito inteligentes, mas que estão encarnados num corpo físico com determinadas deficiências que impedem a manifestação da inteligência. Um Espírito muito evoluído pode reencarnar como filho de pais pouco inteligentes e demonstrar verdadeira genialidade.

Da mesma forma que a inteligência, os sentimentos não são atributos do corpo, mas do Espírito em sua caminhada evolutiva; são conquistas de cada um. Resultam do esforço, do exercício das virtudes.

Os pais podem passar para os filhos o corpo físico; não a inteligência, nem os sentimentos. Mas podem ajudá-los a desenvolver tanto a inteligência como os sentimentos. ■

## Fantasia anímicas

**M**ediante uma análise profunda a respeito do Mundo Espiritual, constata-se a dificuldade existente para definir-se a constituição molecular em torno da sua realidade, especialmente quando se pretende auxiliar o viandante terreno com explicações que lhe facultem melhor compreensão da sua causalidade.

Utilizando-se do atual conhecimento da Física Quântica a respeito da energia, podem-se elaborar formulações por paralelismos, elucidando-se que tudo quanto existe no planeta terrestre, com as suas formas e manifestações, igualmente cá se originam em campos vibratórios mui especiais. Todavia, nem tudo aquilo que aqui tem legitimidade se encontra em forma condensada na Terra, por desnecessidade momentânea ou em razão dos processos evolutivos ainda não serem equivalentes.

Dessa forma, as explicações, por mais claras, normalmente esbarram em complexidades que somente através do tempo encontrarão conveniente compreensão, à medida que o conhecimento humano se torna mais amplo e as revelações se fazem mais acessíveis.

Em razão disso, não poucas vezes aparecem, no Movimento Espí-

rita, informações distorcidas ou estranhas em torno de ocorrências e fenômenos que não podem ser confirmados, nem aceitos, simplesmente pelo fato de se apresentarem como revelação mediúnica respeitável.

Convém sempre ter-se em conta que os Espíritos zombeteiros muito se comprazem em iludir as criaturas humanas, apresentando-lhes narrações fantasiosas ou submetendo-as a pavores injustificáveis, em torno de situações no Além-túmulo, que funcionam como verdadeiros mecanismos punitivos, substituindo as lamentáveis penas religiosas do passado, nas quais, o amor e a misericórdia de Deus se encontrariam distantes, indiferentes.

Sem dúvida, cada Espírito é herdeiro das suas próprias realizações. Nada obstante, o amor luz soberano em toda parte, modificando as paisagens infelizes e ensejando renovação e esperança, alegria e felicidade para todos.

Outras vezes, Entidades pseudo-sábias, desejando apresentar as paisagens espirituais para a reflexão terrestre, operam de maneira perturbadora, oferecendo uma visão incorreta, na qual permanece a idéia de que além da morte tudo sucede conforme se conhece na Terra, utilizando-se, inclusive, da mesma linguagem e das suas construções verbais.

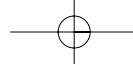
É certo que, em nosso mundo

mental, as operações desenvolvem-se de maneira mui específica, e as construções em nossa Esfera de ação decorrem de labores muito bem programados, de forma que, oportunamente, se condensem na Terra, conforme vem ocorrendo, graças aos incomparáveis contributos da Ciência e da Tecnologia, da moral e da ética.

Não se deve porém adaptar à linguagem humana todas as ocorrências de difícil explicação, especialmente aquelas de referência à vida espiritual, deixando impressões deficientes em torno da sua legitimidade ou facultando desvios de interpretação da sua realidade.

Os Espíritos desencarnados temos muito interesse em equipar os companheiros da vilegiatura terrena com informações corretas em torno da vida e das suas diretrizes, a fim de que possam avançar com segurança pelo rumo iluminativo. No entanto, muitas vezes, o que poderia ser um auxílio eficiente transforma-se em contribuição precipitada, inoportuna, por falta de capacidade de entendimento de quantos se interessam pela própria imortalidade.

Nesse capítulo, o das revelações, é comum ocorrer o fenômeno anímico, em que o médium, descuidado ou ambicioso, preocupado com a projeção do ego, elabora teorias, consciente ou inconscientemente, em torno da Erraticidade, e deixa-se seduzir pela ilusão de que



se encontra em sintonia com Entidades venerandas, transferindo, deles mesmos, os clichês elaborados, como se fossem de procedência espiritual.

São tão chocantes, às vezes, essas notícias, que dão a idéia de nos encontrarmos em um mundo físico, com as suas mesmas Instituições e atividades, nas quais, nada de original existe. Certamente, a nossa é uma sociedade ativa, rica de aspirações e de trabalho, marchando ascensionalmente em todas as Esferas em que se encontra, no rumo sempre do Mais Alto e Mais Sublime.

O médium seguro, conforme a conceituação kardequiana, é aquele que transmite a mensagem conforme o seu autor espiritual e não de acordo com as próprias convicções, procurando dar validade às próprias conceituações. Não é de estranhar-se que, em muitas oportunidades, o conteúdo das informações de que se faz instrumento é bem diverso ou mesmo antagônico daquilo que pensa, esclarecendo-se, portanto, e mudando a maneira de aceitar.

Quando isso não ocorre, fustigado pela necessidade de competir no cenário humano, procura destacar através de revelações suspeitas ou desastrosas, de sutis acusações aos demais companheiros, assumindo papel de servidor humilde, embora acionado por mentes desalinhadas, que pretendem expô-lo ao ridículo ou querem gerar perturbação no Movimento doutrinário que se expande.

É sempre de bom alvitre que se resguarde o médium de qualquer sensacionalismo, evitando divulgar idéias estapafúrdias ou fantasiosas,

sem a pretensão de ser um revelador por excelência, envolvendo-se em questões que lhe não dizem respeito, a fim de ser preservado o bom nome da mediunidade a serviço de Jesus.

O Mestre, por excelência, em se referindo à reencarnação de Elias como João Batista, por exemplo, embora a afirmação apresentada, evitou escandalizar a opinião vigente, não sendo enfático e irretorquível na questão...

A respeito da pluralidade dos mundos habitados, igualmente foi sintético, informando apenas que na *Casa do Pai há muitas moradas*.

Sem dúvida, tem cabido à Doutrina Espírita a nobre tarefa de desvendar e esclarecer essas questões, atualizando-as, sem porém fugir às circunstâncias existentes e à capacidade de discernimento daqueles que se empenham na saudável aprendizagem dos seus ensinamentos.

Evitar-se, portanto, o delírio, em relação às informações espirituais, com as tintas da imaginação exacerbada, é medida recomendável pelo bom senso espírita, especialmente neste momento de graves transtornos que afetam a criatura humana em particular e a sociedade em geral.

Ainda, neste capítulo, é de todo conveniente permanecer-se vigilante a respeito da advertência do Espírito Erasto ao Codificador, quando assinalou: *“Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expandida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol*

*da razão e da lógica e rejeitai de sassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.”*

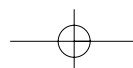
O fato de deixar-se ao tempo para posterior confirmação determinadas informações, em nada perturbará a conduta do estudioso do Espiritismo, cuja base essencial de vivência deverá ser a sua constante luta em favor da própria transformação moral, da superação das tendências e paixões inferiores, trabalhando pela auto-iluminação.

Não se colocando como fundamental a revelação mediúnica ou a informação anímica em torno do Mundo Espiritual e das atividades que têm seu campo de ação, o importante é cada qual dedicar-se ao estudo da Codificação com seriedade, evitando fantasias e desvios doutrinários a pretexto de inovar, de completar e de ampliar os horizontes do conhecimento espírita.

Por outro lado, cabe aos médiuns manter-se discretos e solícitos às sugestões dos bons Espíritos, evitando o campeonato das promoções pessoais e das disputas de terreno através do exibicionismo das faculdades de que sejam ou não portadores, perseverando nos propósitos saudáveis recomendados pelo Evangelho de Jesus e pela direttriz da Caridade, fora da qual não há salvação.

Manoel P. de Miranda

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no Centro Espírita Caminho da Redenção, no dia 23 de janeiro de 2003, em Salvador, Bahia.) ■



## PRESENÇA DE CHICO XAVIER

# Doutrina Espírita

Toda crença é respeitável.  
No entanto, se buscaste a Doutrina Espírita, não lhe negues fidelidade.

...

Toda religião é sublime.  
No entanto, só a Doutrina Espírita consegue explicar-te os fenômenos mediúnicos em que toda religião se baseia.

...

Toda religião é santa nas intenções.  
No entanto, só a Doutrina Espírita pode guiar-te na solução dos problemas do destino e da dor.

...

Toda religião auxilia.  
No entanto, só a Doutrina Espírita é capaz de exonerar-te do pavor ilusório do inferno, que apenas subsiste na consciência culpada.

...

Toda religião é conforto na morte.  
No entanto, só a Doutrina Espírita é suscetível de descerrar a continuidade da vida, além do sepulcro.

...

Toda religião apregoa o bem como preço do paraíso aos seus profitentes.  
No entanto, só a Doutrina Espírita estabelece a caridade incondicional como simples dever.

...

Toda religião exorciza os Espíritos infelizes.  
No entanto, só a Doutrina Espírita se dispõe a abraçá-los, como a doentes, neles reconhecendo as próprias criaturas humanas desencarnadas, em outras faixas de evolução.

...

Toda religião educa sempre.  
No entanto, só a Doutrina Espírita é aquela em que se permite o livre exame, com o sentimento livre de compressões dogmáticas, para que a fé contemple a razão, face a face.

...

Toda religião fala de penas e recompensas.  
No entanto, só a Doutrina Espírita elucida que to-

dos colheremos conforme a plantação que tenhamos lançado à vida, sem qualquer privilégio na Justiça Divina.

...

Toda religião erguida em princípios nobres, mesmo as que vigem nos outros continentes, embora nos pareçam estranhas, guardam a essência cristã.

No entanto, só a Doutrina Espírita nos oferece a chave precisa para a verdadeira interpretação do Evangelho.

...

Porque a Doutrina Espírita é em si a liberalidade e o entendimento, há quem julgue seja ela obrigada a misturar-se com todas as aventuras marginais e com todos os exotismos, sob pena de fugir aos impositivos da fraternidade que veicula.

Dignifica, assim, a Doutrina que te consola e liberta, vigiando-lhe a pureza e a simplicidade, para que não colabores, sem perceber, nos vícios da ignorância e nos crimes do pensamento.

“Espírita” deve ser o teu caráter, ainda mesmo te sintas em reajuste, depois da queda.

“Espírita” deve ser a tua conduta, ainda mesmo que estejas em duras experiências.

“Espírita” deve ser o nome de teu nome, ainda mesmo respires em aflitivos combates contigo mesmo.

“Espírita” deve ser o claro adjetivo de tua instituição, ainda mesmo que, por isso, te faltem as passagens subvenções e honorarias terrestres.

Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo.  
E a Doutrina do Cristo é a doutrina do aperfeiçoamento moral em todos os mundos.

Guarda-a, pois, na existência, como sendo a tua responsabilidade mais alta, porque dia virá em que serás naturalmente convidado a prestar-lhe contas.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos Espíritos*, 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 227-229. ■

# Elefantes brancos

Richard Simonetti

Mateus, 13:44

**E**m várias passagens Jesus reporta-se ao *Reino dos Céus*, ou o *Reino de Deus*, ou, simplesmente, *O Reino*.

São expressões equivalentes.

A teologia medieval concebeu que Jesus veio instalá-lo, o que sugere que a Terra não estava sob a regência divina.

Permanecia acéfala?

Um tanto estranho, amigo leitor, se considerarmos que Deus é o Criador, o Senhor supremo, presença imanente, cujas leis têm vigência em todos os quadrantes do Universo.

Não encontraremos uma só galáxia, um só sistema solar, um só planeta, um só recanto, por mais remoto, onde o Todo-Poderoso esteja ausente.

Deus é a consciência cósmica do Universo. Permanece em tudo e em todos.

Estamos mergulhados nas bênçãos divinas, como peixes do oceano.

...

Se nascemos no Brasil, se aqui vivemos, legalmente somos cidadãos brasileiros.

Mas, sob o ponto de vista moral, essa cidadania só será legitimada pelo empenho em cumprir as leis do país, o que implica a observância de nossos deveres perante a comunidade, zelando por seu equilíbrio e bem-estar.

Algo semelhante acontece com o Reino.

Se há um Reino Universal regido por Deus, somos todos seus súditos.

Não obstante, isso pouco significa, se não nos preocupamos em cumprir o que Deus espera de nós.

Por isso Jesus diz (Lucas, 17:20-21):

*O Reino de Deus não vem com aparência visível. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque o reino de Deus está dentro de vós.*

O problema, então, não é entrar no Reino. Vivemos nele.

O problema é o Reino entrar em nós.

...

Em várias parábolas Jesus nos diz como alcançar essa realização.

No tempo antigo não havia Bancos para depositar bens amoadados; então, as pessoas os escondiam em terrenos isolados, de sua propriedade.

Não raro, esses tesouros se perdiam pelo falecimento do proprietário. Quem os encontrasse podia entrar na posse deles, desde que comprasse as respectivas glebas.

Havia pessoas que se especializavam nessa lucrativa atividade, caçadores de tesouros, que ainda hoje povoam o imaginário popular.

Jesus usa essa imagem para nos contar sugestiva parábola.

*O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo.*

*Um homem o encontra e esconde-o novamente.*

*Feliz, vende tudo o que tem e compra aquele campo.*

O Reino seria aquele estado de paz, de tranquilidade e alegria, no pleno cumprimento das leis divinas, que nos habilita a desfrutar as bênçãos de Deus.

No simbolismo evangélico, situa-se como um tesouro oculto em recôndita região de nossa consciência, no solo de nossas cogitações existenciais.

Custa caro.

Para sua aquisição, que equivale à posse de nós mesmos, imperioso nos desfaçamos de inúmeros bens, entre aspas, porquanto mais nos atrapalham que ajudam.

São elefantes brancos.

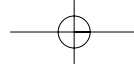
...

No antigo reino de Sião, atual Tailândia, o raro elefante branco era animal sagrado.

Quando o rei queria punir alguém, oferecia-lhe um. O súdito sentia-se honrado, mas logo percebia tratar-se de um “presente de grego”.

Deveria dispensar sofisticados cuidados com o animal. Alimentá-lo com iguarias caras, colocar-lhe enfeites, ter empregados para cuidar dele...

Acabava arruinado.



Algo semelhante ocorre em nossa vida.

Há elefantes brancos em nosso caminho.

Temos satisfação com eles, em princípio, mas logo percebemos que nos causam prejuízos imensos.

Alguns deles:

- **Ambição**

Riqueza, poder, destaque social, prestígio, constituem o anseio de muitos.

Para sustentar esse elefante branco são consumidos o tempo, os ideais, a espiritualidade.

O ambicioso só tem olhos para aquelas realizações.

Toma gosto pelos bens materiais, que sendo apenas parte da vida, convertem-se, para ele, em finalidade dela.

Deixa de ser dono de seu dinheiro.

Situa-se escravo dele.

Rico materialmente, mendigo de paz.

Parafraseando Jesus, podemos dizer que é mais fácil esse elefante branco passar pelo fundo de uma agulha do que seu proprietário entrar no Reino.

- **Vício**

Em princípio esse elefante branco nos oferece o Céu.

O fumo tranqüiliza.

O álcool desinibe.

As drogas produzem euforia.

Mas é céu artificial, precário, que nos leva, invariavelmente, ao inferno da dependência.

Enquanto o usuário está sob seu efeito é ótimo.

Logo, porém, o corpo cobra novas doses, submetendo-o a angústias e tensões terríveis.

Assim, oscila entre o céu e o inferno.

Cada vez menos céu; cada vez mais inferno, na medida em que se amplia a dependência. E nele se instala de vez, quando retorna ao plano espiritual, antes do tempo, expulso do próprio corpo que destruiu.

Em terrível destrambelho, sofre horrivelmente, em longos e dolorosos estágios em regiões lúgubres e trevas, habitadas por companheiros de infortúnio.

Ao reencarnar, os desajustes provocados em seu corpo espiritual se refletirão na nova estrutura física, dando origem a males variados, dolorosos, angustiantes, mas necessários.

Funcionam como válvulas de escoamento das impurezas de que se impregnou, ao mesmo tempo em que o ajudam a superar entranhados condicionamentos, que fatalmente o induziriam à retomada da viciação.

Se o viciado tivesse a mínima noção do futuro dantesco que o espera, ficaria horrorizado.

Haveria de lutar com todas as forças de sua alma para livrar-se desse elefante branco.

- **Sexo**

Dádiva divina, é por intermédio dele que entramos na vida terrestre, além de favorecer gratificante momento de intimidade entre o homem e a mulher.

Entretanto, vivemos tempos perigosos, de liberdade sexual confundida com libertinagem. O sexo deixou de ser parte do amor para transformar-se no amor por inteiro.

Hoje, casais que mal se conhecem falam em fazer amor, pensan-

do em comunhão sexual sem compromisso, em lamentável promiscuidade.

É um tremendo elefante branco.

Oferece prazer em princípio, mas cobra muita inquietação depois, e uma perene insatisfação.

Com a troca constante de parceiros e a busca desenfreada de prazer o indivíduo cai no desvaio sexual, envolvendo-se em comprometedoras perversões.

- **Paixão**

Fixado em alguém, empolgado pela comunhão carnal, o apaixonado estende as raízes de sua estabilidade física e psíquica no objeto de seus desejos e passa a viver em sua função.

Se a relação não dá certo e vem o rompimento, é uma tragédia.

Suicídios, crimes passionais, loucuras variadas são mera decorrência.

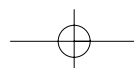
Quando o amor deixa de ser um ato de doação, rebaixado ao mero desejo de posse, em que pretendemos que o ser amado se submeta aos nossos caprichos, transforma-se em voraz elefante branco que nos exaure e desajusta.

...

Não nos tornaremos santos do dia para a noite, campeões do Evangelho, apóstolos do Bem, mesmo porque a natureza não dá saltos.

Mas em nosso próprio benefício é preciso avaliar se não estamos sustentando dispendiosos elefantes brancos, que nos empobrecem.

Com eles fica impossível o cultivo de aspirações superiores, no solo sagrado do coração, para a conquista do almejado tesouro divino. ■



# Em busca de Deus

Ismael Ramos das Neves

**A** Filosofia, por mais que concebesse teorias e deduzisse ilações acerca da origem e do futuro do homem, se não houvesse buscado em Deus a resposta para todos os grandes enigmas do pensamento humano, não passaria de um amontoado de palavras e concepções vazias, sem racionalidade, como cegos sem a visão do Sol, em plena luz do dia!...

Enquanto a Ciência investiga, tendo por objeto o concreto, identificando os mecanismos profundos da natureza física, seja na litosfera, na hidrosfera, na atmosfera e, além desta, vislumbrando, numa visão mais ampla, no campo da vida cósmica, sinais da presença de elementos orgânicos em outros orbes, a Filosofia propõe-se a explicar as causas dos conflitos humanos e a demonstrar, embora no campo subjetivo, as interrogações da nossa consciência. O conhecimento dos filósofos e dos fisiologistas não pode encontrar outra conclusão, senão a de que Deus é a inteligência suprema do Universo, como responderam os Espíritos Superiores à pergunta nº 1, inserida em *O Livro dos Espíritos*, publicado por Allan Kardec, como obra fundamental do Espiritismo.

Buscando a Deus, o homem

atende à sua própria condição de filho do Altíssimo. Todos os seres humanos trazem, no coração e no pensamento, o toque da Paternidade Divina! Mesmo como selvagens, todos nós, na antropogênese distante, trazíamos como idéia inata a certeza de um Ser Superior, que a todos nos dirige, embora, em nossa

**Teremos que  
construir por nós  
mesmos os valores  
profundos de  
nossa verdadeira  
felicidade, atendendo  
às determinantes da  
Lei de Amor, Justiça  
e Caridade**

condição de ignorância e selvageria, não compreendêssemos que, em vez de temer, deveríamos amar a esse Ser Superior, pois os cultos aos ídolos e as concepções antropomórficas acerca de Nosso Pai Celeste resultaram da indigência mental em que transitamos durante milênios, nos evos insondáveis da Pré-História.

A Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec e revelada pelos Espíritos Superiores, em cumprimento à promessa de Jesus-Cristo, de que rogaria a Deus para que nos enviasse o Consolador – conforme se encontra inserido no Evangelho segundo João –, baseia-se, fundamentalmente, na idéia de Deus e demonstra, através de fatos inequívocos, que a alma é imortal, preexistindo e sobrevivendo ao homem físico, além de preconizar a transformação moral da criatura humana, seguindo os padrões do Evangelho de Jesus e afirmando que todos nós estamos a caminho da evolução e nos submetemos, incoercivelmente, à augusta Lei da Reencarnação, no processo maravilhoso de nossa própria transformação como individualidade que, originária de Deus, traz em si mesma o germe do progresso. Dessa forma, teremos que construir por nós mesmos os valores profundos de nossa verdadeira felicidade, atendendo às determinantes da Lei de Amor, Justiça e Caridade, que nos propicia, com equidade, os meios de caminhar com nossos próprios pés, com a liberdade que o livre-arbítrio proporciona, dentro das limitações estabelecidas pelo determinismo, para que o discernimento entre o bem e o mal possa clarear a consciência de cada um, herdeiros que somos todos nós do amor infinito de Deus! ■



# Expições e provas

Mauro Paiva Fonseca

**S**em dúvida, existem diferenças marcantes nos fatos da vida, que concernem às expiações e às provas a que estão sujeitos os encarnados na Terra.

Os pungentes sofrimentos e as profundas dores que ponteam os caminhos das criaturas, constituindo-se fatos inevitáveis, são as expiações. Eles são o processo de que se utiliza o automatismo da Lei de Justiça para promover os resgates inevitáveis dos delitos praticados por elas, contra o direito dos semelhantes, quando no pleno uso da razão e do livre-arbítrio que lhes foi concedido pela Divina Sabedoria.

Consoante a gravidade do mal causado será a intensidade do sofrimento correspondente. Geram expiações tanto os delitos causados individualmente, como pelas coletividades, e a reincidência no crime praticado sempre agravará a intensidade da dor.

A variedade de maneiras com que são expiadas as faltas é infinita, impossível de serem enumeradas, já pela complexidade dos fatores envolvidos, já pela impossibilidade de penetrar-se a intimidade do calceta, a cujo íntimo apenas a Justiça Divina tem acesso total.

Desses sofrimentos pungentes, são exemplos a paraplegia, o mongolismo, a cegueira, a surdez, a mudez, a macrocefalia e a microcefalia,

a idiotia, a hanseníase, lesões de nascença, além de outros muitos, numerosos e imperceptíveis à observação humana.

Expiar é, pois, sofrer consequências que permitem ao Espírito sentir, para avaliar com exatidão, a dor que infligiu aos semelhantes no passado, quando se desviou do caminho do bem, ignorando os apelos do bom senso, da lógica e da razão, para a prática da fraternidade e do amor; é a maneira de escoimar do próprio acervo os gravames que lhe impedem a felicidade, a paz e a ascensão às Esferas de Luz!

Não se trata de vingança por parte da Justiça Divina, mas de promover a sedimentação de experiências, passando pelos sofrimentos idênticos aos que provocou!

As expiações em geral são irreversíveis, e inscritas na natureza intrínseca do perispírito, para eclodirem no momento oportuno, com o surgimento da maturação conveniente.

Quando se demora entregue aos embalos das paixões, prazeres e gozos da vida material, o homem, por sua fraqueza, se deixa dominar, escravizando-se aos vícios, em suas infinitamente variadas modalidades; por isso, através das reencarnações sucessivas, deverá aplicar-se ao trabalho de dominá-los, solicitando por vezes, no estágio pré-encarnatório, durante o período da erraticidade, quando do planejamento do programa reencarnatório, limitações que lhe facilitem combater e vencer aquelas dependências.

Assim, em cada estágio na crosta planetária, viverá as condições que lhe facultem a vitória, as quais se repetirão, até que possa demonstrar amplamente haver superado aquele obstáculo à própria felicidade: isto constitui a provação. Seu objetivo é “provar” a capacidade de superação. A provação não se constitui, por essa razão, um resgate por crime, delito ou pecado praticado contra o semelhante, mas uma falta praticada contra si próprio, um desrespeito à cidadania divina outorgada ao ser pelo Criador.

O alcoolismo, a toxicomania, a gula, a cleptomania, a sensualidade degenerada, o suicídio e mais outras inúmeras modalidades de criarmos hábitos nocivos, que entenebrece a natureza espiritual, e que nos podem escravizar, até que consigamos superá-los, constituem razões de provação nas reencarnações dos Espíritos. Outras vezes, nas provações, o que se objetiva é vencer o personalismo e a egolatria pelo exercício dos elevados atributos da alma, combatendo a vaidade e o orgulho, com a reencarnação em condição humilde na vida social da Terra.

Seria tarefa difícil, talvez impossível, estabelecer rígidos limites, separando provações e expiações, mesmo porque, muitas vezes, numa mesma existência, a criatura concentra, em seu programa reencarnatório, as duas condições, quando se acha suficientemente fortalecida para o tentame de vencê-las ao mesmo tempo. >

> A razão das expiações e das provações é sempre o estado de rebeldia, intolerância, ignorância, revolta, indiferença, negligência, má-vontade, ociosidade, comodismo etc., em que se conserva o ser humano, não compreendendo as leis que governam a vida nem a realidade que o aguarda além-túmulo.

...

Oh! Insensato que reclamas por teres de caminhar sobre as urzes que tu próprio plantaste, tentando fazer da revolta e rebeldia direitos legítimos, quando nada nelas poderá mudar o destino que criaste com o livre-arbítrio, quando negligenciaste os deveres do Espírito. Os acontecimentos do destino têm todos uma razão justa e lógica, pois estão rigidamente atrelados às leis que nos governam a vida!

Quando irás abandonar os folguedos da vida material para assumires a origem divina, apanágio da natureza espiritual? Os esforços que recusas empreender agora serão exigidos mais adiante, quiçá em circunstâncias muito piores!

Perquire os refolhos da consciência com serena humildade, e ela responderá que a dor nada mais é que a alavanca do progresso! É a nossa aliada na batalha contra a inferioridade que nos oprime. Culpá-la pela desdita será o mesmo que acusar de maligno o remédio amargo que nos poderá curar as mazelas da natureza física! Olha e analisa sem complacência a intimidade da consciência, e procura descobrir as chagas purulentas da alma, que precisam ser curadas.

Aprende que na renúncia aos prazeres, paixões e gozos da vida material está a chave do céu! Silen-

cia os impulsos inferiores do coração, entendendo que eles são o remanescente da natureza animal que ainda carregas, e que devem ser superados. Não te deixes atingir pelas farpas agudas da inconformação, da revolta e do desespero; aceita com coragem e resignação as inevitáveis conseqüências dos erros do passado.

Não te desculpes acusando o semelhante que atravessa teu caminho, por tua desdita; ele é um irmão, e, como tu, cheio de limitações e vilezas; por isso, o Criador Supremo, algumas vezes o utiliza como instrumento do teu progresso, para que exerçites, à custa das suas imperfeições, os elevados atributos morais do Espírito que são: humildade, caridade, resignação,

paciência, complacência, tolerância e perdão...

Homem do Mundo, por que retardas o inevitável? Não entendes que a lei do progresso é compulsória? Aperta o passo; urge sacudir a indolência! Crê, a ventura é o prêmio do esforço!

O acaso é uma palavra inventada pelos desesperançados e descrentes, para ocultar a incapacidade de compreender e a falta de humildade para aceitar o domínio exercido pelas Leis do Criador sobre todos nós. A vida é um encadeamento contínuo de causas e conseqüências. Vivamos intensamente, mas com as vistas voltadas para o Espírito, natureza eterna que anima todos nós! ■



## Congresso Espírita da USE

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo realiza em Campinas (SP), no período de 17 a 20 deste mês, no Hotel Nacional Inn, o 12º Congresso Estadual de Espiritismo, com o tema central *Movimento Espírita – Novos Horizontes*. A palestra de abertura, às 20 horas do dia 17, será proferida por Divaldo Pereira Franco, para o público em geral, no Ginásio do Guarany. ■

# Critério de Allan Kardec: Salvaguarda do Movimento Espírita

Affonso Soares

Já desde as primeiras horas do Movimento Espírita, Allan Kardec se viu a braços com a questão da oportunidade de se publicar, ou não, o que os Espíritos produziam pela psicografia. A sua *Revue Spirite* ainda não atingia o segundo ano de existência, e o problema já era suscitado por um leitor, dando ensejo a que o Codificador estampasse sugestivo texto em o número de novembro de 1859 do primeiro periódico espírita no mundo. E, não obstante desenvolver o tema com abundante argumentação, Kardec sintetiza a resposta logo às primeiras linhas, emitindo-a com outra pergunta: “*Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens?*”

O adepto esclarecido terá certamente vislumbrado todo o imenso universo implícito na expressão de Kardec, universo que ele pacientemente desbravava, conduzido pelos Espíritos reveladores, e de que *O Livro dos Espíritos* bosquejava os traços principais: – entre os Espíritos há os de todas as classes, em todos os graus de conhecimento e moralidade, assim como entre os homens, pelo que se impõe o exame rigoroso de tudo o que eles digam e

escrevam. Entre tantas expressões judiciosas desse artigo, destacamos a seguinte, por reconhecê-la bastante afinada com o propósito de nosso escrito: “*Publicar sem exame, ou sem corretivo, tudo quanto vem desta fonte, seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento.*”

O ano de 1863 denuncia inequívoco crescimento do Movimento Espírita, ainda sob a condução de Allan Kardec, a traduzir-se, entre tantos outros sinais, pelo volume de comunicações mediúnicas (3.600) enviadas ao Codificador com a esperança de publicação na *Revue*. Eliminadas as notoriamente más, provenientes do elemento inferior do mundo invisível, grande quantidade encerrava bom conteúdo, mas nem todas preenchiam as mínimas condições para publicação. De modo geral, apesar de oportunas e úteis nos grupos em que foram recebidas, assumiam caráter corriqueiro quando propostas ao público. Eis o juízo de Kardec: “*(...) o que é de poderoso interesse individual pode ser banalidade para a massa.*” Outrossim, diante do natural desenvolvimento das capacidades mediúnicas e conseqüente alargamento do alcance de mais substanciosas comunicações, aquelas submetidas a exame mostravam-se inexpressivamente bisonhas, o que também as distanciava do interesse do público, como o trabalho

de um escolar em comparação com as produções de um profissional.

No artigo publicado na *Revue* de maio de 1863, sob o título “*Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam*”, Kardec nos oferece mais esta criteriosa observação: “*Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente, o homem é inclinado a supor que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; tudo está em enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em alimentar essa ilusão em certos médiuns. Por isso nunca seria demais recomendar a estes não confiar em seu próprio julgamento.*” (Destaque nosso.)

Das 3.600 comunicações, segundo o artigo supracitado, apenas 100 conseguiram suportar o crivo seguro do Codificador, como portadoras de incontestável mérito. É mesmo provável que, dentre estas, algumas tivessem vindo a figurar no conjunto das obras da Codificação.

Nesse artigo de 1863, Kardec ainda menciona os manuscritos, ou obras de fôlego, revelando igualmente a baixíssima porcentagem dos que poderiam ser dados a público sob a forma de livros. Nunca será ocioso meditar acerca do que diz Kardec sobre esse gênero de produ-

ção mediúnic: “*No mundo invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros. Tal Espírito é apto a ditar uma boa comunicação isolada, a dar excelente conselho particular, mas é incapaz de um trabalho de conjunto completo, que suporte um exame, sejam quais forem suas pretensões e o nome com que se proteja como garantia. Quanto mais alto o nome, mais obriga. Ora, é mais fácil tomar um nome do que justificá-lo. Eis por que, ao lado de alguns bons pensamentos, encontram-se, por vezes, idéias excêntricas e os traços menos equívocos da mais profunda ignorância. É nesta espécie de trabalhos mediúnicos que temos notado mais sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte dos Espíritos para os imprimir.*” (Destaque nosso.)

Quer-nos parecer que o problema da inconveniência de se publicar tudo o que os Espíritos dizem ou falam permanece atualíssimo em nossos círculos, não obstante os preventivos já propostos, tanto nos escritos pessoais de Kardec quanto, principalmente, no próprio corpo das revelações que compõem o fundamento doutrinário. Mas, infelizmente, o precioso conteúdo das orientações fundamentais tem sofrido a pressão de critérios que, por adquirirem prevalência no mundo e contando com um certo relaxamento por parte de quem devia estar vigilante, vão invadindo nossos arraiais a pretexto, por exemplo, de falsa modernidade aliada a interesses mercantis imediatistas, de duvidosa necessidade de renovação, de tolerância acomodatória, tudo alimentado por um prejuízo básico que é a falta de estudo sério da Doutrina.

O fato é que hoje, no aã, em

princípio saudável, de se promover a divulgação das idéias espíritas, um febricitante movimento editorial vai se distanciando do sólido e prudente critério seletivo já defendido e praticado por Allan Kardec, em favor da colocação, no mercado livreiro espírita, de obras, principalmente mediúnicas, que não resistem ao mais benevolente exame, assim contribuindo para um enfraquecimento qualitativo do Movimento Espírita, por disseminarem idéias extravagantes, novidades inconsistentes,

**É nosso dever preservar o imenso patrimônio espiritual e cultural que faz a Doutrina Espírita e a mediunidade respeitadas na sociedade**

vestidas em textos sofríveis que tanto mais prejuízos causam à divulgação quanto mais respeitáveis e eminentes são os nomes que os assinam. E, por enfraquecer-se o estudo das substanciosas obras básicas, com que deveriam os novos adeptos se munir ao adentrarem nossos círculos, ficam estes privados do único critério que lhes daria possibilidade de repelir, sem condescendência, o que não encontra qualquer respaldo na Revelação.

Além disso, nessa, por assim

dizer, “febre de publicação”, suscita-se a projeção, a evidência de médiuns sem qualquer lastro que assegure sólida confiança no que produzem no campo da mediunidade para literatura, especialidade aliás bastante rara segundo a classificação dos médiuns especiais proposta no capítulo XVI de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

A desencarnação do querido e saudoso médium Chico Xavier também poderá suscitar, nos círculos dos aprendizes ou candidatos à mediunidade, a sugestão de que a produção dos grandes Espíritos, que dele se serviram para erguerem um majestoso monumento lítero-doutrinário, deva ser continuada a **qualquer preço**. Isto certamente ensejaria novos prejuízos no campo da divulgação do Espiritismo, por poderem disseminar-se textos abissalmente distantes, no conteúdo e na forma, dos que hoje honram a literatura espírita e dão crédito à mediunidade psicográfica.

Convém, portanto, a todos quantos militamos na sagrada seara da divulgação e da prática do Espiritismo, uma séria reflexão sobre os princípios exarados, tanto no critério pessoal de Allan Kardec, quanto nos ensinamentos dos Espíritos Superiores que revelaram a Doutrina. Não há outro caminho para evitar os prejuízos acima citados. Só assim protegeremos os novos adeptos, fornecendo-lhes, com o bom estudo, o necessário critério para que eles próprios rejeitem os conteúdos notoriamente ruins. É nosso dever, em última análise, preservar o imenso patrimônio espiritual e cultural que faz a Doutrina Espírita e a mediunidade respeitadas na sociedade. ■

## ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

### No trato com o invisível

“E, chamando-os a si, disse-lhes por parábolas: Como pode Satanás expulsar Satanás?” – (Marcos, 3:23.)

Esta passagem do Evangelho é sumamente esclarecedora para os companheiros da atualidade que, nas tarefas do Espiritismo cristão, se esforçam por auxiliar desencarnados infelizes a se equilibrarem no caminho redentor.

Ninguém aguarde êxito imediato, ao procurar amparar os que se perderam na desorientação.

É impossível dispensar a colaboração do tempo para que se esclareçam as personagens das tragédias humanas e, segundo sabemos, nem mesmo os apóstolos conseguiram, de pronto, convencer as entidades perturbadas, quanto ao realismo de sua perigosa situação. Todavia, sem atitudes esterilizantes, muito pode fazer o discípulo no setor dessas atividades iluminativas. Na atualidade, companheiros devotados ao serviço ainda sofrem a perseguição dos adversários da luz, que lhes atribuem sombrio pacto com poderes perversos. O sectarismo religioso cognomina-os sequazes de Satanás, impondo-lhes torturas e humilhações.

No entanto, as mesmas objurgatórias e recriminações descabidas foram atiradas ao Mestre Divino pelo sacerdócio organizado de seu tempo. Atendendo aos enfermos e obsidiados, entregues a destrutivas forças da sombra, recebeu Jesus o título de feiticeiro, filho de Belzebu. Isso constitui significativa recordação que, naturalmente, infundirá muito conforto aos discípulos NOVOS.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*, 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 146, p. 307-308.

# A Nota aos Prolegômenos de O Livro dos Espíritos

Silvio Sero Chibeni

**N**este artigo analisaremos “Nota” aos Prolegômenos da segunda edição francesa de *Le Livre des Esprits* (ver resenha em *Mundo Espírita*, fevereiro de 2002, p. 5). Tal nota foi depois retirada, aparentemente sem justificação explícita, a partir da 10ª edição, de 1863. A análise será feita em confronto com a nota semelhante que existia na primeira edição, de 1857.

Forneceremos, inicialmente, as traduções dos textos das duas versões da nota, reproduzindo no final do artigo os originais franceses, para conferência.

[1ª edição]

Nota. – Os princípios contidos neste livro resultam, seja das respostas dadas pelos espíritos às questões diretas que lhes foram propostas, seja das instruções que espontaneamente deram acerca dos assuntos que ele abrange. O material foi organizado de maneira a formar um conjunto regular e metódico, e só foi entregue ao público depois de ter sido cuidadosamente revisto várias vezes, e corrigido pelos próprios espíritos.

A primeira coluna contém as questões propostas, seguidas das respostas textuais. A segunda encerra o enunciado da doutrina em forma corrida. São, na verdade, duas redações, em formas diferentes, acerca de um mesmo assunto: uma tem a vantagem de apresentar como que a fisionomia dos diálogos com os espíritos; a outra, a de permitir uma leitura seguida.

Se bem que o assunto tratado em cada coluna seja o mesmo, freqüentemente elas encerram, tanto uma como a outra, pensamentos especiais que, quando não são o resul-

tado de questões diretas, nem por isso deixam de ser o fruto das instruções dadas pelos espíritos, pois nenhum pensamento há no livro que não seja a expressão do deles.

[2ª edição]

Nota. – Os princípios contidos neste livro resultam, seja das respostas dadas pelos Espíritos às questões diretas que lhes foram propostas em diversas ocasiões e por meio de um grande número de médiuns, seja das instruções que espontaneamente deram a nós ou a outras pessoas, acerca dos assuntos que ele abrange. O material foi organizado de maneira a formar um conjunto regular e metódico, e só foi entregue ao público depois de ter sido cuidadosamente revisto várias vezes, e corrigido pelos próprios Espíritos. Também esta segunda edição foi objeto de novo e minucioso exame da parte deles.

O que vem entre aspas, após as questões, são as respostas textuais dadas pelos Espíritos. O que está em caracteres menores, ou de outro modo destacado, consiste das observações ou desdobramentos acrescentados pelo Autor, que passaram igualmente pelo controle dos Espíritos.

Observemos, inicialmente, o detalhe da grafia da palavra ‘espírito’: na segunda edição passou a ser com inicial maiúscula. Na língua francesa o uso de iniciais maiúsculas é mais restrito do que em português, e no presente caso não se justificaria senão pela intenção de Kardec de diferenciar as “individualidades dos seres extracorpóreos” – Espíritos – do “elemento inteligente universal” – espírito –, conforme adverte explicitamente a nota após o item 76 da segunda edição. Essa importante distinção, não assinalada na primeira edição, é rigorosamente marcada por esse recurso ao longo de toda a edição de 1860. Temos aqui um belo exemplo da preocupação de Kardec com as nuances de pensamento e sua correta expressão escrita.

Outro ponto diz respeito à forma de apresentação do texto. Por interessantes que fossem as razões apontadas por Kardec na nota de 1857 para apresentar o assunto em dois formatos, diálogo e texto corrido, avaliou depois que seriam secundárias, relativamente a outras, entre as quais certamente se incluem a uniformização e a concisão. Na primeira edição a exposição dupla era usada unicamente na primeira das três partes que formavam o livro. Ademais, é evidente que esse formato duplica a extensão total do texto; se fosse seguido em todo o livro, e ainda mais com as grandes complementações da segunda edição, resultaria em um volume de dimensões impraticáveis. Prevaleceu aqui o senso estético e prático de Kardec, tão evidente na composição de suas obras.

Uma terceira observação refere-se ao cuidado que Kardec teve de submeter o texto, em suas duas edições, a acuradas verificações pelos Espíritos. Não que isso indicasse qualquer limitação de sua imensa capacidade analítica e independência intelectual; mas, dado que a obra explora um território quase que inteiramente novo, eram-lhe indispensáveis as informações colhidas dos Espíritos – testemunhas e participantes diretos da realidade espiritual, cuja investigação constitui o cerne da nova disciplina. Fazia-se, pois, mister, não assimilar relatos que se baseassem em observações parciais, sendo por isso que o controle amplo das informações se mostrou indispensável.

A referência explícita, na nota da segunda edição – que, lembramos, deixou de ser impressa a partir da 10ª edição –, a esse controle mostra quão infundada é a posição de Canuto Abreu, expressa na introdução de sua edição bilíngüe da primeira edição do *Livro dos Espíritos*, de desqualificação relativa da segunda edição, por conta de um suposto menor controle por parte dos Espíritos. (Para um exame crítico mais extenso dessa posição, veja-se a obra *Allan Kardec*, de Francisco Thiesen e Zêus Wantuil, vol. 2, cap. 1, seção 11.)

A comparação das duas versões da Nota revela outros aspectos importantes – talvez mais importantes ainda – relativos à elaboração do livro e, em particular, ao papel desempenhado por Kardec. Vemos que os dois primeiros períodos dos primeiros parágrafos das notas correspondem-se quase que integralmente: a diferença está no acréscimo, no meio do primeiro período, da frase “em diversas ocasiões e por meio de um grande número de médiuns”, e depois “a nós ou a

outras pessoas”. Deve-se comparar essas afirmações gerais com a descrição específica, feita por Kardec em outros lugares, do modo de elaboração do texto de *O Livro dos Espíritos*. No primeiro número da *Revue Spirite* (janeiro de 1858) há uma matéria sobre o livro. Após advertir que, por sua lentidão, a tipografia nunca foi por ele empregada nos trabalhos referentes ao livro, Kardec diz: “tudo foi obtido pela escrita e por intermédio de vários (*plusieurs*) médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as questões e organizamos o conjunto da obra; as respostas são textualmente as que foram dadas pelos Espíritos; a maior parte foi escrita sob nossos olhos. Outras foram extraídas de comunicações enviadas por correspondentes, ou que coletamos onde quer que tenhamos tido a ocasião de realizar estudos”. No parágrafo seguinte Kardec acrescenta: “Os primeiros médiuns que ajudaram em nosso trabalho foram as senhoritas B\*\*\* [Baudin], cuja boa vontade jamais faltou: o livro foi escrito *quase que inteiramente* por meio delas...” (os itálicos são nossos).

Na seção inicial da segunda parte de *Obras Póstumas*, Kardec comenta que quando o trabalho alcançou as dimensões de um livro pensou em “submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns”. No entanto, ao começar a fazer isso, levando os pontos às reuniões do senhor Roustan, nas quais atuava a médium sonâmbula senhorita Japhet, os próprios Espíritos disseram que preferiam empreender a delicada revisão em *sessões privativas* com a médium, isto é, sem assistência. No referido artigo da *Revue*, Kardec afirma, a propósito da revisão, que “essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet”, ressaltando sua nobreza de caráter e infatigável dedicação à tarefa.

Aquela seção de *Obras Póstumas* contém ainda outras informações relevantes para o assunto de que estamos tratando. Uma delas é que as senhoritas Baudin se casaram já no final de 1857 e que, em conseqüência, as reuniões na casa do senhor Baudin cessaram. Mais importante do que isso é o que lemos um pouco antes: “Não me contentei, entretanto, com essa verificação [pela senhorita Japhet]; os Espíritos assim mo haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava a ocasião eu a aproveitava para propor *algumas* das questões *que me pareciam as mais espíritas*. Foi assim que *mais de dez* médiuns prestaram

concurso a esse trabalho. Da *comparação* e da *fusão* de todas as respostas, *coordenadas* [coordonnées], *classificadas* e *muitas vezes remodeladas* [remaniées] no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos...*” (os destaques são nossos).

Todas essas passagens, bem como os textos integrais dos quais foram extraídas, ressaltam, primeiro, que o *Livro dos Espíritos* não surgiu, como às vezes ingenuamente se assume, de uma grande massa de respostas vindas de inumeráveis pontos. Embora, como Kardec assinala, ele tenha aproveitado algumas comunicações que lhe foram enviadas, o grosso do livro, em sua primeira edição, foi fruto de um trabalho sistemático concebido por ele e desenvolvido com a ajuda mediúnica das duas irmãs Baudin, e depois da senhora Japhet, para a revisão. Somente quanto a alguns pontos mais delicados é que julgou prudente conferir as opiniões com o auxílio de outros poucos médiuns.

Afora as declarações específicas de Kardec, as circunstâncias históricas também indicam a necessidade de não se tomar à letra a frase da Nota aos Prolegômenos da segunda edição que motivou estes comentários. Por mais extensas que se tenham tornado as relações de Kardec, como resultado da publicação de seus livros e, especialmente, da *Revue*, está claro que na curta fase de elaboração do *Livro dos Espíritos*, em sua primeira e, talvez, segunda edição, simplesmente não havia uma extensa rede de colaboradores, e muito menos de colaboradores perfeitamente sintonizados com um projeto de tal complexidade.

Em segundo lugar, as citações que fizemos mostram que é igualmente ingênuo assumir que a contribuição pessoal de Kardec se limitou a compilar a suposta massa de respostas, organizando-a em forma de livro. A denominação comum de ‘codificador’ parece embutir, ou ao menos favorecer essa interpretação insustentável; deveria, pois, ser evitada (e não só por tal motivo). O estudo atento das declarações de Kardec sobre seu papel e, sobretudo, a reflexão madura sobre o conjunto de sua produção, não deixa dúvida quanto à centralidade de sua contribuição no estabelecimento das bases do Espiritismo. Ela não se limitou nem mesmo à reescrita de parte das respostas, a que ele explicitamente alude, e que se torna evidente pelo confronto do material da *Revue* com o texto da segunda edição. A concepção e condução de todo o programa de pesquisa espírita, em seus múltiplos des-

dobramentos, bem como a lucidez e precisão superiores de seus próprios textos, indicam de forma incontestante que Kardec não foi mero auxiliar dos Espíritos – exceção feita, é claro, ao Cristo, coordenador geral dos destinos da humanidade terrena –, mas, ao contrário, estes é que eram seus auxiliares; eles mesmos, aliás, reconheceram esse papel em diversas ocasiões. Justifica-se, pois, a asserção de Francisco Thiesen, de que Kardec foi o “co-autor” do *Livro dos Espíritos* (Allan Kardec, vol. 2, p. 85); mas talvez possamos mesmo ir um pouco além disso. (Sobre a envergadura da contribuição de Kardec, ver nosso artigo “Por que Allan Kardec?”, citado na lista de referências, no final.)

Diante disso tudo, não parece inteiramente improvável que a nota aos Prolegômenos tenha sido mais tarde retirada não por mero lapso editorial, mas por potencialmente favorecer interpretações incorretas. Ademais, o que ela tem de essencial já é dito em termos adequados nos próprios Prolegômenos e na nota de rodapé do item 1 do próprio livro.

#### Apêndice: Originais franceses das notas.

[1ª ed.] Nota. – *Les principes contenus dans ce livre résultent, soit des réponses faites par les esprits aux questions directes qui leur ont été proposées, soit des instructions données par eux spontanément sur les matières qu’il renferme. Le tout a été coordonné de manière à présenter un ensemble régulier et méthodique, et n’a été livré à la publicité qu’après avoir été soigneusement revu à plusieurs reprises et corrigé par les esprits eux-mêmes.*

*La première colonne contient les questions proposées suivies des réponses textuelles. La seconde renferme l’énoncé de la doctrine sous une forme courante. Ce sont à proprement parler deux rédactions sur un même sujet sous deux formes différentes: l’une a l’avantage de présenter en quelque sorte la physionomie des entretiens spirites, l’autre de permettre une lecture suivie.*

*Bien que le sujet traité dans chaque colonne soit le même, elles renferment souvent l’une et l’autre des pensées spéciales qui, lorsqu’elles ne sont pas le résultat de questions directes, n’ont pas moins le produit des instructions données par les esprits, car il n’en est aucune qui ne soit l’expression de leur pensée.*



[2ª ed.] *Nota. – Les principes contenus dans ce livre résultent, soit des réponses faites par les Esprits aux questions directes qui leur ont été proposées à diverses époques et par l'entremise d'un grand nombre de médiums, soit des instructions données par eux spontanément à nous ou à d'autres personnes sur les matières qu'il renferme. Le tout a été coordonné de manière à présenter un ensemble régulier et méthodique, et n'a été livré à la publicité qu'après avoir été soigneusement revu à plusieurs reprises et corrigé par les Esprits eux-mêmes. Cette seconde édition a pareillement été de leur par l'objet d'un nouvel et minutieux examen.*

*Ce qui est entre guillemets à la suite des questions est la réponse textuelle donnée par les Esprits. Ce qui est marqué par un autre caractère, ou désigné d'une manière spéciale à cet effet, comprend les remarques ou développements ajoutés par l'auteur, et qui ont également subi le contrôle des Esprits.*

#### REFERÊNCIAS

CHIBENI, S. S. "Por que Allan Kardec?" *Reformador*, abril/1986, p. 102-103. (Também disponível no site do Grupo de Estudos Espíritos da Unicamp: <http://www.geocities.com/Athens/Academy/8482>.)

KARDEC, A. *Le Livre des Esprits*. Reprodução fotomecânica da 2ª ed. francesa, com adendos do Autor. 1ª ed., Rio, Federação Espírita Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Le Livre des Esprits*. Reprodução fotomecânica da 1ª ed. francesa. 1ª ed., bilíngüe, trad. e ed. Canuto Abreu. São Paulo, Companhia Editora Ismael, 1957.

\_\_\_\_\_. *Revue Spirite*. Texto eletrônico, Centre d'Études Spiritiques Léon Denis: <http://perso.wanadoo.fr/charles.kempfl>

\_\_\_\_\_. *Oeuvres Posthumes*. (Ed. André Dumas.) Paris, Dervy-Livres, 1978. Também na edição original de Leymarie, em texto eletrônico, Centre d'Études Spiritiques Léon Denis: <http://perso.wanadoo.fr/charles.kempfl>

\_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 18ª ed., Rio, Federação Espírita Brasileira, 1944.

WANTUIL, Z. & THIESEN, F. *Allan Kardec*, 3 vols. 1ª ed., Rio, Federação Espírita Brasileira, 1979/80.

Fonte: *Jornal Mundo Espírita* de julho/2002, p. 6-7. ■

## A Prece de Cerinto

Senhor de Infinita Bondade.

**N**o santuário da oração, marco renovador do meu caminho, não te peço por mim, Espírito endividado, para quem reservaste os tribu-nais de tua Excelsa Justiça.

A tua compaixão é como se fora o orvalho da esperança em minha noite moral e isso basta ao revel pecedor que tenho sido.

Não te peço, Senhor, pelos que choram.

Clamo por teu amor, a benefício dos que fazem as lágrimas.

Não te venho pedir pelos que padecem.

Suplico-te a bênção para todos aqueles que pro-vocam o sofrimento.

Não te lembro os fracos da Terra.

Recordo-te quantos se julgam poderosos e vencedores.

Não intercedo pelos que soluçam de fome.

Rogo-te amor para os que furtam o pão.

Senhor Todo-Bondoso!...

Não te trago os que sangram de angústia.

Relaciono diante de ti os que golpeiam e ferem.

Não te peço pelos que sofrem injustiças.

Rogo-te pelos empreiteiros do crime.

Não te apresento os desprotegidos da sorte.

Depreco teu amparo aos que estendem a aflição e a miséria.

Não te imploro mercê para as almas traídas.

Exoro-te o socorro para os que tecem os fios en-venenados da ingratidão.

Pai compassivo!...

Estende as mãos sobre os que vagueiam nas trevas...

Anula o pensamento insensato.

Cerra os lábios que induzem à tentação.

Paralisa os braços que apedrejam.

Detém os passos daqueles que distribuem a morte...

Ajuda-nos a todos nós, os filhos do erro, porque somente assim, ó Deus piedoso e justo, poderemos edificar o paraíso do bem com todos aqueles que já te compreendem e obedecem, extinguindo o inferno daqueles que, como nós, se atiraram, desprevenidos, aos insanos torvelinhos do mal!...

Cerinto

FONTE: XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do Grande Além*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, cap. 24, p. 103-105.

## A FEB E O ESPERANTO

# O Esperanto presente na Casa Espírita, colaborando para o futuro da Humanidade\*

Alberto Flores

**Q**ual é a finalidade, o objetivo, de um Centro Espírita?  
 – Muitos acham que uma Casa Espírita é uma escola, um templo e um local especial destinado a estudo e orientação espiritual.

Esta definição lembra, de um certo modo, o que era a Sinagoga, no tempo de Jesus. A Sinagoga era um local de reunião da comunidade, onde os judeus podiam se confraternizar. O seu nome, tanto em grego (SIN = juntos; AGOGE = reunião em assembléia), como em hebraico (BEIT HA-KENESSET = casa de reunião) tem o mesmo significado.

Era na Sinagoga que os meninos aprendiam a ler e a interpretar a TORÁ (os 5 primeiros livros do Velho Testamento; o pentateuco judeu). (As meninas estavam excluí-

das desta tarefa); onde os adultos podiam orar juntos; discutir e resolver os assuntos comunitários; festejar um acontecimento e, até, dar abrigo a um viajante, quando necessário.

Atualmente os nossos Centros Espíritas visam ajudar o aprimoramento espiritual dos seres humanos, proporcionando-lhes oportunidades de elevar-se ética e moralmente, cada vez mais, através do conhecimento e assimilação dos princípios cristãos do Espiritismo.

Qualquer atividade que favoreça a solidariedade, a prática da fraternidade e da caridade para com o próximo, deve ser estimulada, pois se harmoniza com o ideal cristão-espírita de altruísmo, que é um sentimento universal e se opõe ao egoísmo e ao imediatismo.

Nos dias atuais devemos aprender a pensar de maneira ampla, de modo universal, nos lembrando:

1ª) que somos também cidadãos do mundo;

2ª) que há outros povos, com línguas diferentes, ignorando a mensagem espírita-cristã;

3ª) que tais povos também precisam ter acesso à essa mensagem redentora. Mas, como levar essa mensagem a seres humanos que vivem em outras terras e falam línguas diferentes da nossa?

Sabemos que a diversidade das línguas constitui uma verdadeira muralha, dificultando a divulgação do Espiritismo entre outros povos.

Existem, pelo menos, 3.000 línguas diferentes no mundo! Isto é um sério obstáculo ao livre intercâmbio de idéias e de ideais.

Para que ocorra uma maior divulgação da Doutrina Espírita, é necessário que se utilize a única solução racional e perfeitamente adequada para tal fim que temos disponível.

Refiro-me ao emprego da língua Esperanto, genial criação do médico e humanista Dr. L.L.Zamenhof. O Esperanto é o mais perfeito e o mais prático meio, inspirado pela Espiritualidade Superior, para auxiliar na divulgação internacional do Espiritismo.

É, portanto, absolutamente necessário que nos conscientizemos do valor do Esperanto, como eficiente instrumento a ser usado na propagação mundial da Doutrina Espírita. Ideal seria que cada Centro Espírita tivesse um grupo de estudiosos e usuários dessa língua.

O Esperanto, como o Espiritismo, encerra em si a idéia de fraternidade e de paz; ele nos liberta do restrito círculo local ou nacional, ao qual estamos ligados e limitados, e nos ensina a pensar mais ampla-

\* Palestra proferida, em Esperanto, por ocasião do 9º Encontro de Esperantistas-Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, realizado em 1/12/02 na sede da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro – USEERJ. A presente versão em português é do próprio autor.

mente, para nos tornarmos cidadãos de uma pátria universal.

Usando o Esperanto podemos libertar os nossos pensamentos das limitações da nossa língua nacional e passar a entender como vivem e sentem os nossos irmãos de outras nações, que falam outras línguas, mas que são todos filhos do mesmo Pai, que é Deus.

O Esperanto é, para os espíritas e para os idealistas, uma estrada de duas mãos (de ida e de volta); por meio dele levamos aos outros nossas idéias, e recebemos em troca sugestões para solucionar os nossos problemas.

Em todo Centro Espírita deve haver solidariedade e cooperação entre os grupos de freqüentadores, sentindo todos a alegria e o prazer de conviver irmanados pelo mesmo ideal.

O estudo do Esperanto numa Sociedade Espírita abre-lhe uma imensa janela para o resto do mundo. Esse estudo não é, como alguns pensam, mera esquisitice de um grupo de sonhadores que deseja um mundo mais pacífico, mais fraterno, mais justo, mais humano e mais cristão!

É mais do que isto. Cada espírita que aprende o Esperanto torna-se um cidadão do mundo-novo que está surgindo, e exemplo do homem de boa vontade, que trabalha para que haja Paz na Terra entre todos os povos! Cabe aos Centros Espíritas a nobre tarefa de contribuir para o real progresso da Humanidade no Terceiro Milênio. Os espíritas-esperantistas já estão fazendo a sua parte nesse meritório trabalho.

Eles plantam hoje visando o futuro. Quem semeia não é um

egoísta, nem um imediatista; mas sim um altruísta que, ao semear, sabe que um dia a colheita virá. E será farta e benéfica para todos.

Trabalhar por uma causa nobre nos traz enorme satisfação e uma felicidade imensa, toda especial e indescritível!

É a alegria de servir! De ser útil ao próximo!

Os esperantistas e os espíritas constituem o embrião da grande família universal que será formada, em futuro próximo ou remoto, pela aproximação e respeito entre todos os povos, convivendo fraternal

e pacificamente! E é nos Centros Espíritas que os espíritas-esperantistas se preparam para dar a sua contribuição na construção do mundo melhor que todos desejamos e que, para se efetivar, depende do trabalho de cada um de nós.

Conclui-se, por tudo isto, ser desejável que o estudo do Esperanto esteja presente em toda Casa Espírita, colaborando, assim, efetivamente, para que haja um futuro belo e feliz para toda a Humanidade!

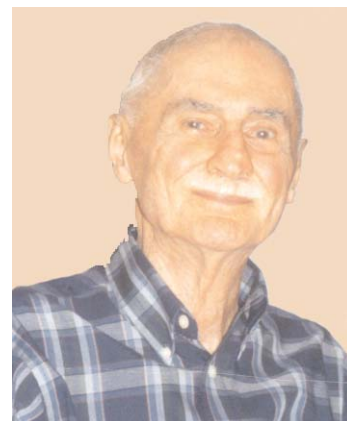
Que Deus permita, que assim seja! ■

## José Yolando dos Santos

Com a idade de 85 anos, desencarnou no Rio de Janeiro (RJ), em 9 de dezembro de 2002, o nosso estimado companheiro José Yolando, cuja simplicidade e humildade ocultavam um verdadeiro espírita, segundo a definição de Kardec.

Nasceu ele em Aracaju (SE), aos 19/3/1917, vindo para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi admitido, por concurso, em 1942, como funcionário do Banco do Brasil, aposentando-se posteriormente.

Reconhecido pelos seus dotes morais e profundo conhecimento da Doutrina Espírita, a Federação Espírita Brasileira elegeu-o 2º Procurador, de 1959 a 1969; Diretor-Adjunto em 1977; Tesoureiro de 1978 a 1984, quando foi substituído, em 1985, por Waldir Huguenin Bittencourt, passando Yolando a ser simplesmente Diretor. De 1986 a 1990 ocupou a suplência do Conselho Superior da FEB, não mais sendo eleito em razão do seu



precário estado de saúde.

Como médium de desdobramento ficava fora do corpo carnal durante longo tempo e, por vezes, receava não mais retornar ao corpo, tal o desprendimento.

Deixa viúva D. Maria Albertina de Machado Santos, três filhos e uma filha, todos estes casados.

Jesus o ampare e fortaleça para que, dentro em pouco, possa continuar o bom trabalho na Seara do Bem. ■

# “Clone, mas diferente”

Roberto Lúcio Vieira de Souza

Com este título, a revista *Veja*, de 29 de janeiro de 2003, publicou uma reportagem sobre a experiência da clonagem da gatinha “Rainbow” e os resultados, a partir do nascimento de sua cópia e de outros clones observados. A conclusão dos veterinários da Universidade do Texas A&M, responsáveis pelo nascimento da Cc (cópia carbono) de “Rainbow” foi a seguinte: “apesar de compartilharem o mesmo código genético, os animais clonados não são cópias fiéis dos originais.”

Essas primeiras conclusões abrem um grande espaço para as reflexões de todos nós, em especial, quando possuidores dos conhecimentos auferidos da Doutrina Espírita.

Não basta levantarmos a explicação sumária de que a existência do Espírito e a sua individualidade faz-nos compreender o fato. Cientistas ocupados com a área da genética, pesquisadores dos programas de estudo dos códigos genéticos, certamente, já haviam pensado nas possibilidades de mutações diversas, as quais poderiam provocar os resultados agora encontrados.

Os acostumados com a observação das etapas da leitura do DNA (ácido desoxirribonucléico) sabem que, mesmo em uma mesma cria-

tura, os RNAs mensageiros produzidos a partir de um único gene podem conter diferenças na seqüência de bases, que ao serem traduzidas pelos ribossomos, possibilitarão a montagem de proteínas distintas, às vezes, de funções distintas e até antagônicas. O fenômeno responsável por esses acontecimentos é tecnicamente denominado “splicing”, palavra inglesa que significa “emendar, unir, juntar”.

Na realidade, o que acontece (simplificadamente) seria o seguinte: para a informação contida no DNA ser transferida para as diversas funções celulares, ela precisa primeiramente ser copiada, num processo chamado transcrição, gerando o RNA (ácido ribonucléico). O RNA difere daquele por ter apenas uma cadeia e por apresentar no lugar da base timina a uridina. Entretanto, ele só se tornará funcional depois que partes desta cadeia forem retiradas ou reorganizadas, dando origem a uma nova seqüência de bases, no chamado “splicing”, formando o RNA mensageiro. As partes retiradas são chamadas “introns” e as reintroduzidas em outras áreas ou unidas são os “exons”.

As pesquisas atuais não têm respostas definitivas para a existência desses “introns” e o porquê do direcionador desse processo de modificação da mensagem celular.

O certo é que fenômenos como esse e outros já observados seriam cientificamente a explicação

para as possíveis individualizações da mensagem genética, que começa a ser comprovada pela experiência com os clones de animais e que, certamente, ficaria mais evidente com a clonagem de humanos, pela maior individualização do princípio espiritual, em sua fase hominal. Para o materialista, no entanto, as respostas seriam insatisfatórias, produzindo novos questionamentos, em especial: o que levaria a essas mudanças? Qual o elemento direcionador desse processo?

Os estudiosos sobre os fractais, já de algum tempo, levantam que os fenômenos na natureza, diferentemente dos produtos fabricados seriadamente pelos homens, seriam semelhantes e não idênticos em seu todo e em suas partes, criando para explicar tais condições equações matemáticas de alta complexidade. Essa constatação falaria da ação de uma Inteligência Superior a direcionar todo o processo da criação e da implementação de uma marca individual nas criaturas, dando-lhes desde já uma qualidade própria e um caminho pessoal, a partir de determinada etapa de crescimento.

Se a experiência com a clonagem demonstra que um mesmo princípio material (DNA) produz resultados materiais diferentes, isso implica numa hipótese de que algo, transcendente a esse princípio direcionaria as diversas etapas do processo, produzindo tal resultado final. Esse elemento transcendente,

ainda rejeitado por uma parte dos cientistas, é o espírito, que segundo os orientadores de Kardec, é a individualização do princípio inteligente, presente no Universo, que se faz distinto do princípio material, “mas, a união do Espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria”. (*O Livro dos Espíritos* – perg. 79 e 25.)

Os estudos que se sucederão, a partir das conclusões atuais sobre os clones, certamente confirmarão as palavras de Emmanuel, contidas na questão 35 do livro *O Consolador*<sup>1</sup>:

“As leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas. Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis por que, aos geneticistas, comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações.”

É importante frisar que André Luiz, já em 1958, através da psicografia de Francisco C. Xavier e de Waldo Vieira, no livro *Evolução em Dois Mundos*<sup>2</sup>, antecedia os resultados que começam a ser encontrados, oferecendo-nos uma explicação mais ampla de suas causas:

“No ato da fecundação, reúnem-se os pronúcleos masculino e

feminino, mesclando as unidades cromossômicas paternas e maternas, a fim de que o organismo, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, se desenvolva, dentro dos caracteres genéticos de que descende; mas agora, no reino humano, o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio da existência cujo início o berço assinala.”

**“O corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes”**

André Luiz apresenta-nos, ainda, um importante caminho de pesquisa, que nos possibilitará, no futuro, a compreensão desses mecanismos modificadores individuais da mensagem genética, através da teoria dos “bióforos”. Sobre o assunto, ele assim se expressa, no livro citado acima:

“Portanto, como é fácil de sentir e apreender, o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as dis-

posições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois, ao homem responsável reconhecer que a hereditariedade relativa mas compulsória lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação, não lhe sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu ou de que foi incumbido, segundo as suas aquisições e necessidades, mas pode, pela própria conduta feliz ou infeliz, acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos bióforos ou unidades de força psicossomática que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo os estados da mente, que estará enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal.”

Fica, portanto, para nós estudiosos e, em especial, para os pesquisadores a compreensão real de que estrutura celular seria os chamados “bióforos”, estudando, posteriormente, os seus mecanismos de ação. No entanto, a Ciência, em sua caminhada, apresenta, mais e mais, questionamentos de tal profundidade, a exigirem uma visão de maior transcendência, deixando mais evidente a realidade da hipótese do elemento espiritual, de sua individualidade e de sua supremacia sobre o elemento material. Enfatizando, também, que seria a postura dessa individualidade espiritual a responsável pelas possibilidades ou não de modificações no campo da matéria, clareando-nos que a verdadeira eugenia só se realizará pela transformação moral do homem e, conseqüentemente, da Humanidade. ■

<sup>1</sup> XAVIER, Francisco C. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel, 23. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2001 p. 37.

<sup>2</sup> — e VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. VII, p. 57, 58 e 59.

# Goles inofensivos?

Jorge Hessen

**H**á quatro anos a revista *IstoÉ* registrou a seguinte reportagem: “Uma overdose de festas voltadas para jovens de classe média garante o alto consumo de bebidas. No feriado de Finados, o panfleto de uma festa levou quatro amigos, três deles menores de idade, a uma boate no Lago Sul, área nobre de Brasília. A R\$ 20,00 por cabeça, conseguiram passaporte para o paraíso adolescente: mulher bonita, som techno e bebida de graça. Três deles deixaram a boate em mau estado. O quarto precisou sair carregado. Desfalecido, foi colocado pelos amigos no banco de trás do carro e levado às pressas para o hospital. No caminho, cruzaram com outros jovens desmaiados na calçada à espera de que, ao chegar, o pai os identificasse.”<sup>1</sup>

Pesquisas mostram que oito em cada dez estudantes já usaram álcool. A escola é a grande parceira da família na tarefa de educar, sem precisar impor, é claro, regras nos lares alheios. Em Brasília, uma escola<sup>2</sup> tomou uma medida controversa que dividiu a opinião de pais e irritou alunos ao entregar um docu-

mento que sugere aos pais que proibam os menores de 21 anos de tomarem bebidas alcoólicas nas festas e eventos sociais promovidos pelos adolescentes em suas casas.

Pode parecer algo um pouco exagerado, mas a questão merece uma análise, até porque há estatísticas que apontam que os jovens estão bebendo cada vez mais cedo (por volta dos 11 anos de idade). Mesmo que a Direção da escola esteja restrita aos seus muros, não basta dizer aos pais, nessa conjuntura, que seus filhos estão bebendo. Desta sorte, estão empurrando o problema de volta para a família. Creemos que as escolas deveriam debater com mais ênfase sobre bebida alcoólica, essa droga legalizada.

Não existe uma idade definida para qualificar a criança dependente de álcool. Segundo a Dra. Sandra Scivoletto, coordenadora do GREA – Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas –, responsável pelo Ambulatório de Adolescentes e Drogas do Sepia – Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência –, do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, “estudos epidemiológicos brasileiros e do exterior mostram que a idade de início de uso de álcool e drogas vem diminuindo. Uma pesquisa realizada em 1993, em dez capitais brasileiras, mostrou que a idade média do início do uso era de 13 anos. Em 1997, um trabalho realizado com adolescentes em tra-

tamento no GREA mostrou que eles têm começado a beber, em média, aos 11 anos de idade, com casos raros em que iniciou-se aos 4 anos de idade”<sup>3</sup>, alerta a médica.

As pesquisas realizadas pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas demonstram que o Brasil é o quinto maior produtor de cerveja do mundo e tem a terceira maior empresa da área. A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou, em abril de 1999, que o Brasil é o quarto colocado no mundo em acidente de trânsito. A ingestão de álcool é uma das maiores causas de acidentes – 60% a 80% das mortes no trânsito são provocadas por motoristas alcoolizados, segundo estimativa do IML de São Paulo.

Alguns acreditam ser muito difícil definir o exato momento em que o uso de álcool merece ser catalogado como dependência. Assim como é tênue a fronteira entre o chamado *heavy drinker* (bebedor pesado) e o alcoólatra, aquele cujo organismo necessita de álcool para voltar a funcionar ou que desenvolveu a dependência psicológica da garrafa. Ou seja, há um mecanismo psicossocial que o leva a beber, e um mecanismo fisiológico que o impede de parar de beber.

No eterno desculpismo, os be-

<sup>1</sup> Revista *IstoÉ* – edição 17/11/99.

<sup>2</sup> Escola Americana do Brasil – Av. L-2 Sul – Brasília-DF.

<sup>3</sup> Informativo/dez-2001, ABRAFAM (Associação Brasileira de Apoio às Famílias de Drogadependentes).

bedores se refugiam no chamado “*drink social*”. Bebedor social? – será?? – pesquisas americanas atestam que uma pessoa, para tornar-se alcoólatra, pode levar de 8 a 20 anos e os bêbados começaram com “inofensivos goles festivos”. Desde 1935, os fundadores do AA (Alcoólicos Anônimos) – Bill Wilson e Robert Smith – afirmam que em cada dois bebedores um desenvolverá a doença do alcoolismo. Sabe-se hoje também que, no início do processo, não há diferença entre o bebedor social e um futuro alcoólatra.

O alcoolismo não é hereditário. As pessoas bebem por questões psicoemocionais e criam dependência por questões fisiológicas. O que existe é um fator genético de predisposição ao consumo excessivo de álcool. Traduzindo, geneticamente, ninguém tem compulsão para a bebida conforme escreveu a revista americana *US News & World Report*: “nenhum gene tem o poder de fazer com que você compre uma garrafa de uísque, a verta num copo e a tome toda”.

A Doutrina Espírita ensina que a propensão ao alcoolismo pode estar no Espírito, como herança de vidas passadas.

No Brasil toda esquina tem um botequim, um bar, um quiosque com as portas escancaradas, para a larga distribuição do veneno letal. Na televisão, as propagandas mais sedutoras são de bebidas. Nos restaurantes, a primeira pergunta do garçom é – *o que você vai beber?* Nas competições automobilísticas, o vencedor derrama sobre si a champanhe; a cada segundo os canais de televisão estão convidando os incautos a beberem, e para isso investem bilhões de dólares para

vender a droga “legal” e o governo vai gastando muitos outros bilhões para cuidar das doenças do alcoolismo, como a cirrose do fígado, a encefalopatia alcoólica ou a polinevrite alcoólica, o *delirium tremens*, a afetação dos pulmões (tuberculose), a decadência física e mental, a caquexia (desnutrição), isso sem esquecer as vítimas do trânsito e outras conseqüências.

No livro *Missionários da Luz*, Alexandre explica que “(...) *usar um aperitivo comum (...) de modo algum significa desvios espirituais; no entanto, os excessos representam desperdícios lamentáveis de forças, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. (...)*”<sup>4</sup> Ao considerar essas ponderações, urge também refletirmos que para muitos encar-

nados até mesmo o “inofensivo” aperitivo pode desencadear processos de dependência nos excessos, por isso toda vigilância é imperiosa.

Desconhecemos se alguém da família carrega uma certa predisposição ao álcool, que pode ser potencializado com o primeiro gole, por isso cremos que no bom senso um espírita consciente não mantém em seu lar um barzinho com garrafas rotuladas de “bebida importante”, contendo o inferno da droga legalizada, que tem levado muitos homens aos escombros dos desvios espirituais.

<sup>4</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. ■

## A Voz de Deus

Paulo Nunes Batista

A Voz de Deus falou. E foi ouvida  
pelas almas sedentas da Verdade.  
A Voz de Deus é a Voz da própria Vida  
correndo em busca da Felicidade.

A Voz de Deus nos fala na descida  
e na subida, pela eternidade.  
A Voz de Deus é Luz – e é transmitida  
pelos Mestres de nossa Humanidade.

A Voz de Deus me fala a cada instante.  
Ouço-a no olhar de cada semelhante  
e encontro-a na doçura de um Sorriso.

A Voz de Deus é Amor – tudo ilumina  
no milagre da Graça, que é divina,  
e abre as Portas de Paz do Paraíso.

## Polêmica Espírita

Várias vezes já nos perguntaram por que não respondemos, em nosso jornal, aos ataques de certas folhas, dirigidos contra o Espiritismo em geral, contra seus partidários e, por vezes, contra nós. Acreditamos que o silêncio, em certos casos, é a melhor resposta. Aliás, há um gênero de polêmica do qual tomamos por norma nos abstermos: é aquela que pode degenerar em personalismo; não somente ela nos repugna, como nos tomaria um tempo que podemos empregar mais utilmente, o que seria muito pouco interessante para os nossos leitores, que assinam a revista para se instruírem, e não para ouvirem diatribes mais ou menos espirituosas. Ora, uma vez engajado nesse caminho, difícil seria dele sair, razão por que preferimos nele não entrar, com o que o Espiritismo só tem a ganhar em dignidade. Até agora só temos que aplaudir a nossa moderação, da qual não nos desviaremos, e jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo.

Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual não recuaremos jamais: é a discussão séria dos princípios que professamos. Todavia, mesmo aqui há uma importante distinção a fazer; se se tra-

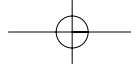
ta apenas de ataques gerais, dirigidos contra a doutrina, sem um fim determinado, além do de criticar, e se partem de pessoas que rejeitam por antecipação tudo quanto não compreendem, não merecem maior atenção; o terreno ganho diariamente pelo Espiritismo é uma resposta suficientemente peremptória e que lhes deve provar que seus sarcasmos não têm produzido grande efeito; também notamos que os gracejos intermináveis de que até pouco tempo eram vítimas os partidários da doutrina pouco a pouco se extinguem. Perguntamos se há motivos para rir quando vemos as idéias novas adotadas por tantas pessoas eminentes; alguns não riem senão com desprezo e pela força do hábito, enquanto muitos outros absolutamente não riem mais e esperam.

Notemos ainda que, entre os críticos, há muitas pessoas que falam sem conhecimento de causa, sem se darem ao trabalho de a aprofundar. Para lhes responder seria necessário recomeçar incessantemente as mais elementares explicações e repetir aquilo que já escrevemos, providência que julgamos inútil. Já o mesmo não acontece com os que estudaram e nem tudo compreenderam, com os que querem seriamente esclarecer-se e com os que levantam objeções de boa-fé e com conhecimento de causa; nesse terreno aceitamos a controvérsia, sem nos gabarmos de resolver todas as

dificuldades, o que seria muita presunção de nossa parte. A ciência espírita dá os seus primeiros passos e ainda não nos revelou todos os seus segredos, por maiores sejam as maravilhas que nos tenha desvendado. Qual a ciência que não tem ainda fatos misteriosos e inexplicados? Confessamos, pois, sem nos envergonharmos, nossa insuficiência sobre todos os pontos que ainda não nos é possível explicar. Assim, longe de repelir as objeções e os questionamentos, nós os solicitamos, contanto que não sejam ociosos, nem nos façam perder o tempo com futilidade, pois que representam um meio de nos esclarecermos.

É a isso que chamamos polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem, por isso, deixar de nos estimarmos. Afinal de contas, o que buscamos todos nessa tão palpitante e fecunda questão do Espiritismo? O nosso esclarecimento. Antes de mais nada buscamos a luz, venha de onde vier; e, se externamos a nossa maneira de ver, trata-se apenas da nossa maneira de ver, e não de uma opinião pessoal que pretendamos impor aos outros; entregamo-la à discussão, estando prontos para renunciá-la se demonstrarem que laboramos em erro. Essa polêmica nós a sustentamos todos os dias em





nossa *Revista*, através das respostas ou das refutações coletivas que tivemos ocasião de apresentar, a propósito desse ou daquele artigo, e aqueles que nos honram com as suas cartas encontrarão sempre a resposta ao que nos perguntam, quando não a podemos dar individualmente por escrito, uma vez que nosso tempo material nem sempre o per-

mite. Suas perguntas e objeções igualmente são objeto de estudos, de que nos servimos pessoalmente, sentindo-nos felizes por fazer com que nossos leitores os aproveitem, tratando-os à medida que as circunstâncias apresentam os fatos que possam ter relação com eles. Também sentimos prazer em dar explicações verbais às pessoas que

nos honram com a sua visita e nas conferências assinaladas por recíproca benevolência, nas quais nos esclarecemos mutuamente.

Allan Kardec

Fonte: *Revista Espírita* – novembro de 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■

## O Livro dos Espíritos

Muitas vezes já nos dirigiram perguntas sobre a maneira por que foram obtidas as comunicações que são objeto de *O Livro dos Espíritos*. Resumimos aqui, com muito prazer, as respostas que temos dado a esse respeito, pois que isso nos ensinará a ocasião de cumprir um dever de gratidão para com as pessoas que de boa vontade nos prestaram seu concurso.

Como explicamos, as comunicações por pancadas, ou tiptologia, são muito lentas e bastante incompletas para um trabalho alentado; por isso não utilizamos jamais esse recurso: tudo foi obtido através da escrita e por intermédio de diversos médiuns psicógrafos. Nós mesmos preparamos as perguntas e coordenamos o conjunto da obra; as respostas são, textualmente, as que foram dadas pelos

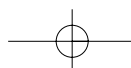
Espíritos; a maior parte delas foi escrita sob nossas vistas, algumas foram tomadas das comunicações que nos foram enviadas por correspondentes ou que recolhemos para estudo em toda parte onde estivemos: a esse efeito, os Espíritos parecem multiplicar aos nossos olhos os motivos de observação.

Os primeiros médiuns que concorreram para o nosso trabalho foram as senhoritas B\*\*\*, cuja boa vontade jamais nos faltou: este livro foi escrito quase por inteiro por seu intermédio e na presença de numeroso auditório que assistia às sessões e nelas tomava parte com o mais vivo interesse. Mais tarde os Espíritos recomendaram sua completa revisão em conversas particulares para fazerem todas as adições e correções que julgaram necessárias. Essa parte essencial do trabalho foi feita com o concurso da senhorita Japhet, que se prestou com a maior boa vontade e o mais completo desinteresse a todas as exigências dos Espíritos, pois que eram eles que marcavam os dias e as ho-

ras para suas lições. O desinteresse não seria aqui um mérito particular, visto que os Espíritos reprovam todo tráfico que se possa fazer de sua presença; a senhorita Japhet, que é também sonâmbula notável, tinha seu tempo utilmente empregado, mas compreendeu, igualmente, que dele poderia fazer um emprego proveitoso, consagrando-se à propagação da doutrina. Quanto a nós, temos declarado desde o princípio, e nos apraz reafirmar aqui, que jamais pensamos em fazer de *O Livro dos Espíritos* objeto de especulação, devendo sua renda ser aplicada às coisas de utilidade geral; por isso seremos sempre reconhecidos aos que se associarem de coração, e por amor do bem, à obra a que nos estamos consagrando.

Allan Kardec

Fonte: *Revista Espírita* — janeiro de 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■



# II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE

- | -

José Carlos da Silva Silveira

**Transformai-vos pela renovação da vossa mente. Paulo (Romanos, 12:2).**

O II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, programado para o período de 25 a 27 de julho de 2003, em comemoração dos vinte anos do lançamento da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, terá por objetivo geral *refletir sobre o objetivo do ESDE e sua importância como instrumento de transformação do ser.*

Essa reflexão se justifica pelo fato de que o correto entendimento do objetivo do ESDE é de vital importância para que o ensino do Espiritismo se mantenha dentro dos parâmetros idealizados por Allan Kardec, no Projeto 1868, e difundidos pelos Espíritos Superiores, principalmente a partir de quando se iniciaram os primeiros cursos regulares de Doutrina Espírita.

Note-se a propósito que, não obstante se veja por toda parte intensificar-se o interesse pelo estudo do Espiritismo, nem sempre tem havido uma exata compreensão desse objetivo, que, em síntese, é *estudar o Espiritismo de forma metódica, contínua e séria, com pro-*

*gramação fundamentada na Codificação Espírita.* Em decorrência disso, não é raro serem introduzidas, nos Programas de Estudo do ESDE, teorias estranhas ao contido nas obras básicas, além de algumas atividades que não dizem respeito ao estudo propriamente dito da Doutrina Espírita. Tudo isso leva ao enfraquecimento da Campanha do ESDE pela falta de unidade de vistas justamente entre aqueles que têm a incumbência de dinamizá-la.

**O estudo das grandes verdades espirituais aliado à prática do bem incessante resulta na renovação moral do Espírito**

Assim, a reflexão que se pretende fazer será de grande valia neste momento, quando se completam duas décadas do lançamento da Campanha em referência.

Por outro lado, para eixo temático do Encontro, foi escolhida a expressiva exortação de Paulo de Tarso, em epígrafe.

Emmanuel, ao comentar a referida passagem da epístola de Paulo aos Romanos, destaca a importância da nossa renovação moral, apontando o aspecto ilusório das transformações exteriores da personalidade, as quais, por vezes, se convertem em mero agravo de nossas responsabilidades. Em razão disso, o preclaro instrutor espiritual nos concita a que nos renovemos por dentro, o que se consegue pela aquisição e prática do conhecimento superior. A certa altura da sua mensagem, assinala:

“Renovemos nossa alma, dia a dia, estudando as lições dos vanguardeiros do progresso e vivendo a nossa existência sob a inspiração do serviço incessante.”<sup>1</sup>

Com efeito, o estudo das grandes verdades espirituais aliado à prática do bem incessante resulta na renovação moral do Espírito. A esse desiderato conduz o Espiritismo, desde que o estudemos, partindo dos seus magnos alicerces – a Codificação Espírita – de forma metódica, séria e continuada, de modo a assimilar-lhe o conteúdo, educando, ao mesmo tempo, os próprios sentimentos. Pode-se dizer, dessa

forma, que o estudo do Espiritismo é obra de educação, não da educação, como diz Kardec "(...) que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem".<sup>2</sup>

A tarefa não é fácil, pois que exige seriedade e perseverança, o que levou o Codificador a afirmar: "(...) o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por ho-

mens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado." E mais adiante: "O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá."<sup>3</sup>

Possamos nós aproveitar o ensejo do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE para refletir sobre os pontos acima alinhados, de modo que o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita possa constituir-se, de fato, em instrumento excelente de transfor-

mação do ser para a regeneração da Humanidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

<sup>1</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 107, p. 247-248.

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 83. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 917, p. 421.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*. Introdução, item VIII, p. 31. ■

## Livros Espíritas e Educação complementar

Dulcídio Dibo

**N**uma análise do Movimento Espírita atual, argumentamos que os livros espíritas devem continuar a produzir, com seus textos, uma educação complementar à formação do cidadão-espírita e de todos aqueles que procuram a leitura espírita. É que observamos, ainda, na sociedade brasileira, após as eleições, um alto nível de desinformação educacional. A Doutrina Espírita, com seus livros, não pode deixar de lado esta questão: admitimos que pode e deve também possuir a função de estar inserida neste contexto de formação. Daí necessita vivenciar esta realidade social em que vivemos, notadamente com temas pertinentes às necessidades básicas, como educação, fome-miséria-doença, assistência social e outras. Admitimos ainda que a função da Imprensa Espírita (jornais, revistas e livros) é também

preparar futuras gerações de brasileiros para serem úteis à Sociedade, como aliás, no passado, a própria Federação Espírita Brasileira (FEB) se colocou a serviço da abolição da escravatura.

Tem-se ainda o exemplo do médico e político Adolpho Bezerra de Menezes, Presidente da FEB, que se responsabilizou pela coluna "Estudos Filosóficos", no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, editado sob direção de Quintino Bocaiúva, um dos fundadores da República brasileira. Portanto, admitimos que todos aqueles colaboradores, ao analisarem um livro, devem observar que o escritor e o leitor se conhecem mutuamente: aquele para saber o que escrever e este, para saber como assimilar conscientemente textos doutrinários, complementando sua educação-cidadã. É que o atual mercado editorial espírita está exigindo progressivamente melhor qualificação de novas obras es-

píritas, com abordagens úteis ao indivíduo, sem adulterar os textos básicos da Codificação. Estas obras edificantes fazem com que o leitor descubra os conceitos, princípios e a organização de seu novo mundo que irão ajudá-lo a orientar e a se estruturar como adulto na Doutrina. A base, contudo, está na Codificação de Allan Kardec e seus continuadores doutrinários. Não existe nem existirá Espiritismo sem os fundamentos doutrinários da Codificação. As novas obras doutrinárias, portanto, procuram esclarecer e orientar as abordagens, dando continuidade aos rumos já traçados na Codificação. E ainda mais: assumir uma postura construtiva diante da realidade em contínua transformação no Brasil para que ela continue a crescer e a se manter na sociedade brasileira, em face dos avanços marcados pelo poder econômico, e por alguns segmentos religiosos. ■

# Amor ao próximo: denominador comum das religiões

O mundo atual está caracterizado por uma pluralidade de costumes, por diferentes manifestações religiosas e por uma diversidade cultural marcante. A Humanidade deste milênio deverá, desde cedo, aprender a conviver com a divergência e com as mais opostas características sociais, decorrentes da rapidez e praticidade dos diferentes meios de comunicações e dos sofisticados e operantes tipos de transportes que têm favorecido a aproximação e a miscigenação de diferentes povos.

No grande futuro que nos aguarda, haverá aproximação mais efetiva entre as raças humanas, recurso necessário à organização da família terrestre, tendo em vista a implantação da mensagem cristã: “Haverá um só rebanho e um só pastor.”

Se a pluralidade das culturas representa, por um lado, um progresso nas relações humanas, pode, por outro, criar obstáculos de difícil resolução se as criaturas detentoras de maior conhecimento e de boa vontade permanecerem indiferentes às manifestações dos acontecimentos. Há, neste sentido, um ponto que merece maior reflexão pelas conseqüências que poderão

advir: diz respeito à questão religiosa.

A pluralidade de interpretações religiosas existentes no mundo hodierno é do conhecimento de todos. Se no passado representou a matriz geradora de guerras e de combates insanos, pode, perfeitamente, tornar-se um fato de união e de progresso, dependendo das ações desenvolvidas pelos representantes das religiões. É viável pensar num entendimento religioso entre as criaturas humanas, a despeito dos sérios desentendimentos existentes no momento nos campos social, econômico e cultural. É possível, sim, pensar em união religiosa porque, ao longo dos séculos, benfeitores espirituais são enviados ao renascimento corporal no seio de diversas culturas com objetivos de aproximar, uns dos outros, Espíritos mais moralizados.

A título de exemplo, podemos, resumidamente, lembrar que o ensinamento de Jesus que representa a regra áurea de conduta moral encontra similitude nos ensinamentos básicos de povos não cristãos. Assim, quando o amável Mestre Jesus nos orienta que “devemos fazer aos outros tudo aquilo que gostaríamos que os outros nos fizessem”, encontramos os seguintes ecos:

- a) entre os judeus: não fira teu irmão para não ser ferido;
- b) entre os muçulmanos: o ponto de honra mais elevado deve ser

aquele de só fazer ao outro o que não lhe causa sofrimento;

- c) entre os budistas: esclarecemos que faça ao outro o que queremos que o outro nos faça;
- d) entre os hindus: entendemos que não se deve fazer o mal para não receber o mal em nós próprios;
- e) entre os povos que vivem em regime tribal: o mal feito ao outro voltará para quem o praticou.

Nesse contexto, podemos interpretar que o amor ao próximo está suficientemente apregoado entre os praticantes de diferentes seitas religiosas. São ensinamentos que remontam a séculos e que ao longo dos tempos têm sido a diretriz para o relacionamento humano.

Acima e apesar das divergências que o mundo globalizado nos revela, encontramos um ensinamento básico, capaz de manter unidos os seres humanos. É dessa forma, amigos, que as promessas do Cristo são cumpridas. Façamos, pois, a parte que nos compete nesta empreitada de fazer do nosso Planeta uma habitação de paz e de amor.

Que as bênçãos de Jesus nos envolvam e nos protejam.

Fred Figner

(Mensagem psicografada na reunião do grupo mediúnico de quinta-feira, na FEB, em Brasília, em 28 de março de 2002.) ■

# O Livro Espírita: algumas considerações

## (Parte I)

Aécio Pereira Chagas\*

### 1 – A importância do livro

Muitos marcos históricos e culturais da humanidade têm sido indicados pelo *livro*: O povo judeu, conhecido como *o povo do livro*, devido a seus livros sagrados. *Os Livros da Boa Nova*, caracterizando os primeiros cristãos (a propósito: os textos eram anteriormente escritos em rolos de papiro ou pergaminho chamados em latim de *volumentum*, depois surgiram os *códices*, folhas costuradas, como atualmente são os livros e esta mudança, segundo alguns historiadores, está associada à difusão do cristianismo) [1-3]. No início dos tempos modernos temos a epopéia das navegações em *Os Lusíadas*, de Camões, e o *Do Movimento dos Corpos Celestes*, de Copérnico, ambos no século XVI. O nascimento da Química moderna com o *Tratado Elementar de Química*, de Lavoisier, em 1789. Citamos apenas alguns exemplos. O surgimento da Doutrina dos Espíritos não poderia ser de outra forma: o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, em 18 de abril de 1857.

Lembremos aqui uma mensa-

gem recebida na Sociedade Espírita de Paris em 19 de fevereiro de 1864 e que está publicada na *Revue Spirite (Revista Espírita)* [4], assinada pelo Espírito Guttemberg. Ele disserta sobre o surgimento da imprensa, em 1456, mostrando que até aquela época, as civilizações se expressavam através dos monumentos de pedra, a partir daí “*o pensamento mistura-se ao ar, espiritualiza-se, será indestrutível*”. É interessante este contraponto: a transitoriedade da pedra e a perenidade do que se *mistura ao ar*.

O livro foi, é e será, por muito tempo ainda, um dos principais instrumentos de instrução e aprendizagem, de transmissão e armazenagem de idéias. Melhor que qualquer prosa são os versos de Castro Alves:

Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
É manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe – que faz a palma,  
É chuva – que faz o mar

(Castro Alves, *O Livro e a América*) [5]

Como dissemos, a Doutrina Espírita surge com o livro. O Mo-

vimento Espírita vai se formando, se estruturando sobre o livro, inicialmente na França e, depois, no resto do mundo, com as traduções. No Brasil, o Espiritismo é inicialmente conhecido apenas por alguns intelectuais, ou seja, pessoas letradas e conhecedoras da língua francesa, capazes de ler as obras de Kardec no original [6]. O Espiritismo torna-se um pouco mais popular depois que surgiram as primeiras traduções (não podemos nos esquecer que o Brasil, na época, era um país em que a grande parte da população era analfabeta). A primeira tradução, no Brasil, de *O Livro dos Espíritos* foi em 1875, por Joaquim Carlos Travassos, sob o pseudônimo de *Fortúnio* (Editora Garnier, Rio de Janeiro) [7]. Entretanto, dois fatos históricos interessantes, do início deste século, mostram a importância da imprensa na difusão do Espiritismo:

- Na cidade de São Paulo, Antônio Gonçalves da Silva, o Baturá, fazia circular (a partir de 1890), o periódico espírita *Verdade e Luz*, com tiragem de 15 mil exemplares! [8].
- Em Matão, interior de São Paulo, Cairbar de Souza Schutel inaugura, em 1905, o periód-

\* e-mail: aecio@iqm.unicamp.br

dico *O Clarim*, de grande penetração e que circula até hoje [7].

## 2 – Uma definição e uma classificação da literatura espírita

O conjunto de obras escritas sobre um determinado assunto é chamado *bibliografia* ou *literatura*. Assim podemos falar de Bibliografia Médica ou Literatura Médica, significando o conjunto das obras escritas (livros, revistas etc.) sobre Medicina ou que tenham interesse médico.

Fala-se também em *literatura espírita* ou *bibliografia espírita*, porém é necessário uma definição da mesma: *Literatura Espírita é o conjunto de obras que versam sobre a Doutrina Espírita, ou foram escritas sob sua inspiração ou modelo, ou ainda, que foram incorporadas por lhe serem concordes*. Note que há uma diferença entre a Bibliografia Espírita e a Doutrina Espírita [9].

A Bibliografia Espírita consta atualmente mais de 3.000 títulos disponíveis no mercado, ou seja, obras listadas nos catálogos das distribuidoras e das livrarias espíritas.

Para auxiliar os estudantes da Doutrina Espírita, é interessante considerar dois critérios de classificação dessas obras, mais para mostrar o que há para ler, do que externar alguma posição doutrinária. Estamos menos na posição de um bibliotecário, porém mais na de um livreiro, ou melhor, de alguém que simplesmente resolve arrumar sua biblioteca.

O primeiro critério considera que a obra pode ser *mediúnica* ou *não mediúnica*. As primeiras são aquelas em que o autor é um espírito desencarnado, que, através de

um médium, transmitiu sua obra até nós. As não mediúnicas são, evidentemente, as obras comuns, de autores encarnados. Do ponto de vista jurídico, o autor de uma obra mediúnica é o médium. Muitas obras espíritas são constituídas por partes mediúnicas e partes não mediúnicas, como por exemplo *O Livro dos Espíritos* [10].

O segundo critério é uma classificação das obras espíritas em cinco grupos:

- Obras de Kardec
- Obras complementares
- Obras de divulgação ou didáticas
- Romances e poesias
- Periódicos

Vejamos um pouco de cada uma delas.

**2.1 – Obras de Kardec:** Podem ser também divididas em:

- As cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Mé-*

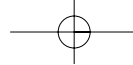
*diuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

- Outras obras, inclusive de divulgação: *O que é o Espiritismo*, *O Espiritismo em sua Mais Simples Expressão*, *Obras Póstumas*, *Viagem Espírita de 1862* e outras.
- *Revista Espírita*, editada por Kardec, perfazendo, neste período, 1858 a 1869, 12 volumes.

A *Revista Espírita*, pouco conhecida pelos próprios espíritas, constitui um repositório de ensaios, relatos de fatos espíritas ocorridos em diversas partes do mundo e em várias épocas, análises de vários problemas à luz da Doutrina Espírita, mensagens espirituais, citações da imprensa de vários países, refutações a acusações levantadas ao Espiritismo etc.

**2.2 – Obras complementares:** São as obras escritas por outros autores que complementam, desenvolvem, ampliam os temas apresentados nas obras de Kardec, desdobram determinados assuntos com mais esclarecimentos ou que trazem, inclusive, acréscimos e novidades, nos aspectos científicos, filosóficos e religiosos do Espiritismo. São constituídas por obras mediúnicas e não mediúnicas, englobando as escritas desde o século passado até recentemente. Dentre os autores espirituais citamos alguns: Emmanuel, André Luiz, Philomeno de Miranda, Bezerra de Menezes. Entre os encarnados podemos citar: Léon Denis, Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Herculano Pires, Hermínio Miranda. Note que Bezerra de Menezes figura entre os dois grupos.

**A Revista Espírita, pouco conhecida pelos próprios espíritas, constitui um repositório de ensaios, relatos de fatos espíritas ocorridos em diversas partes do mundo**



**2.3 – Obras de divulgação ou didáticas:** São obras destinadas a divulgar a doutrina entre as pessoas que desconhecem o Espiritismo ou àqueles que começam a estudar a Doutrina, caracterizando-se, muitas vezes, por uma linguagem mais simples. Algumas são destinadas a crianças e jovens, outras a pessoas de “poucas letras”. Vamos destacar algumas a título de exemplo: *O Espiritismo em Linguagem Simples* [11] e *Ensino dos Espíritos*, ambas de Homero Barros [12], destinadas a pessoas, crianças e adultos, que têm ainda dificuldades na leitura. *Estudando a Mediunidade*, de Martins Peralva [13], indicada para aqueles que começam a estudar a mediunidade. *O Principiante Espírita*, de Kardec [14], destinada a pessoas que querem ter uma idéia do que é o Espiritismo, insere-se também nesta categoria.

**2.4 – Romance e poesia:** Esta categoria constitui o maior contingente de obras, pois os romances têm a grande preferência do público. Os romances são às vezes obras de ficção, onde o elemento espiritual tem um aspecto importante, outras são narrativas verídicas, relatadas pelos próprios protagonistas que, na maioria das vezes, estão no plano espiritual. Parte são mediúnicos e parte são não mediúnicos. Além do deleite da leitura, os romances trazem também muitos ensinamentos doutrinários. Os livros de poesia, principalmente os mediúnicos, em menor número, são talvez mais significativos, pois além de seu lado belo, trazem também, em termos de estilo, a marca registrada do autor.

Façamos agora um parêntesis

para comentar um pouco sobre um livro de poesia muito importante, chamado *Parnaso de Além-túmulo*, que é o primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, lançado em 1932 [15]. No caso, *parnasos* significa antologia, coletânea de poesias. São cerca de 40 poetas brasileiros e portugueses que se manifestaram através do médium, com suas características, seus estilos próprios, alguns inconfundíveis. Como exemplo, uma estrofe de Castro Alves (espírito), para ser comparada com a que já mostramos no início deste artigo:

Oh! Bendito quem ensina,  
Quem luta, quem ilumina,  
Quem o bem e a luz semeia  
Nas fainas do evoluir:  
Terá a ventura que anseia  
Nas sendas do progredir.

(Castro Alves (espírito),  
*Marchemos!, Parnaso de  
Além-túmulo*) [16]

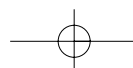
Na linguagem literária, *pasticho* significa escrever imitando o estilo de outro autor. Pastichar um autor é coisa comum. Dois, é difícil. Três é raridade. 40 então...! A primeira vista, poder-se-ia dizer que *O Parnaso* seria um pasticho feito pelo próprio Chico Xavier. Para isso ser possível ele deveria ter lido e estudado muito a literatura brasileira e portuguesa, além de ter dotes intelectuais muito raros. Quando o livro foi lançado o médium tinha cerca de vinte anos (muito jovem para tanta leitura), apenas o curso primário (4ª série de hoje) e não demonstrava os raros dotes intelectuais necessários. É mais lógico e simples admitir a mediunidade que

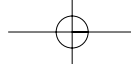
apelar para teorias do inconsciente ou coisas semelhantes. E há ainda vários outros livros deste tipo (antologias poéticas), psicografados pelo Chico, envolvendo ainda outros autores.

No segundo semestre de 2001, Alexandre Caroli Rocha defendeu sua tese de mestrado, “A poesia transcendente de *Parnaso de além túmulo*”, no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp (Campinas, SP) [18], tendo sido aprovada. Neste trabalho, utilizando as ferramentas da Análise Literária, Rocha compara os poemas do *Parnaso* com os poemas escritos pelos autores “vivos” (João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Cruz e Souza e Augusto dos Anjos), concluindo que ambos os grupos de poemas têm as mesmas características. Rocha ainda mostra algo muito interessante: o plano do *Parnaso* é o mesmo de *O Livro dos Espíritos*, ou seja, para cada capítulo deste último, há pelo menos um poema no *Parnaso*, que ilustra e exemplifica o tema tratado (Deus, Lei divina ou natural, prece etc.) [19].

De qualquer forma, cabe ainda a pergunta: *São eles mesmos?* Na realidade a identificação dos espíritos é um problema difícil, conforme já disse Kardec:

“A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mes-





mo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.” [17]

Este parágrafo resume também as considerações que há no restante do capítulo. Kardec enfatiza sempre que o importante é o conteúdo da mensagem e não quem a assina.

Na *Revista Espírita* [20] há uma interessante polêmica entre espíritos, com relação aos estilos. No século XVIII, Buffon, célebre naturalista e escritor francês, em seu discurso de posse na Academia, proferiu o aforismo que “O homem é o seu próprio estilo” e que ficou conhecida na forma mais abreviada “O homem é o estilo”. Em 19 de julho de 1864, na Sociedade Espírita de Paris, Lamennais, outro destacado autor francês, dita uma comunicação em que contradiz Buffon, mencionando que muitas vezes a pessoa afirma algo que lhe é contrário e “longe de ser o *autor moral* de suas obras, é apenas o *autor material*,...”. Lamennais refere-se ao fato de muitas vezes o autor atuar como médium. Dias depois o próprio Buffon envia uma réplica ao ditado de Lamennais, reafirmando seu aforismo, proferido quando encarnado, e tecendo alguns comentários sobre Lamennais. O espírito Buffon responde também a perguntas feitas por Kardec. Depois, em defesa de Lamennais há outras comunicações envolvendo luminas das letras francesas, além de respostas de Buffon e de Lamennais. Finalmente Erasto, mentor da reunião, comenta sobre o “torneio literário e filosó-

fico ocorrido nas últimas sessões de vossa sociedade”. As conclusões que podemos tirar é que todos estão certos: *o homem é o estilo, porém nem sempre ele é o autor moral de sua obra*.

Há um romance mediúnico psicografado por Waldo Vieira, chamado *Cristo Espera Por Ti* [21] cujo autor espiritual é Balzac, um dos mais importantes escritores franceses. O prefácio, que ele indica apenas por um ponto de interrogação, começa assim:

?

E o leitor dirá: “Será mesmo?” Decerto, quem nos conhece não espera encontrar, nestas páginas, o mesmo Balzac, em tudo semelhante àquele de mais de século atrás. Imensas transformações se operaram dentro e fora de nós, tivemos outras experiências, passamos enormes temporadas sem vestir o burel, sem empunhar a pena, sem ingerir café... Mas isso não quer dizer que deixamos de ser nós próprios. Quem quiser averiguá-lo analise com imparcialidade os múltiplos ângulos deste volume e nos encontrará, intrinsecamente qual éramos, apresentando, não qualquer reedição do que já escrevemos, mas uma história original.

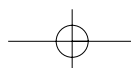
O que é chamado de burel era uma bata que Balzac vestia sobre a roupa, quando escrevia, o que fazia tomando café o tempo todo.

Mas o convite feito por Balzac foi atendido por Osmar Ramos Filho, do Rio de Janeiro. Psicólogo de profissão, porém profundo conhecedor da obra de Balzac (este dei-

xou cerca de 120 romances), resolveu “psicanalisar” não Balzac, mas a psicografia. Os resultados de sua pesquisa estão no livro *O Averso de um Balzac Contemporâneo* [22]. É um livro com quase 600 páginas e letra miúda (para comparar, a psicografia tem 325 páginas, metade do formato e letra grande) e a conclusão a que ele chega é que *Cristo Espera por Ti* é um pasticho da obra de Balzac, feito à moda de Balzac, com o estilo de Balzac e que, portanto, só poderia ter sido feito pelo próprio Balzac. Osmar mostra, por exemplo, que Balzac se repetia, pois personagens secundários de um romance surgem em outros como principais e vice-versa, situações da vida se repetem (Balzac é um historiador dos costumes), e o mesmo padrão de repetição encontra-se na psicografia. É algo impressionante acompanhar esta análise. Segundo Hermínio Miranda, no prefácio de *O Averso*, trata-se de obra única no mundo.

Com respeito a análise de uma obra mediúnica, pode-se ainda levantar a questão: “e a participação do médium?”

A respeito disto há um estudo interessante na *Revista Espírita* [21]. Alguém escreve a Kardec perguntando sobre a validade de uma comunicação recebida por um médium, em que aconselhava um outro médium a cobrar pelas suas consultas e distribuir o dinheiro aos pobres. A comunicação era atribuída ao Sr. Jobard. Na *Revista Espírita* há várias comunicações de Jobard, figura destacada, na época, da indústria belga: sua carta, quando encarnado, comunicando sua adesão à causa espírita e várias outras após sua desencarnação. Kardec en-





via a pergunta a seis médiuns da Sociedade Espírita de Paris para que o próprio Jobard, se possível, pudesse responder à pergunta. Estes médiuns, desconhecendo que a mesma pergunta havia sido formulada a outros, trabalharam em suas casas e no dia seguinte deram sua resposta a Kardec, conforme este havia solicitado. Todas as seis respostas são perfeitamente coincidentes em sua essência, apesar das diferenças, diríamos, de estilo. Todas, assinadas por Jobard, afirmam que não se deve cobrar e em todas há um trocadilho: “estão querendo me fazer de *jobard*” (*jobard* em francês quer dizer também bobo, tolo), devido ao fato da mensagem recebida anteriormente ter sido assinada com seu nome. Este é um caso muito interessante que merece ser analisado por todos aqueles que se dedicam aos trabalhos de intercâmbio com o mundo espiritual.

Bem, voltaremos aos comentários das obras espíritas na Segunda parte deste artigo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] – Alberto Manguel, *Uma história da leitura*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- [2] – Roger Chartier; *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*, Fundação Editora Unesp, São Paulo, 1998.
- [3] – Luiz Waldvogel; *A Fascinante História do Livro*, Shogun Editora e Arte, Rio de Janeiro, 1984.
- [4] – *Revista Espírita (Jornal de Estudos Psicológicos)*, Allan Kardec (Ed.), trad. Júlio Abreu Filho, EDICEL, s/ data. Abril 1864, p. 117.
- [5] – Castro Alves; *Poesias Completas* (17ª ed.), Ediouro, Rio de Janeiro, 1995.
- [6] – Ubiratan Machado; *Os Intelectuais e o*

*Espiritismo* (2ª ed.), Publicações Lachâtre, Niterói, 1997.

[7] – Zêus Wantuil; *Grandes Espíritas do Brasil* (2ª ed.), Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1969.

[8] – Paulo Alves Godoy, *Grandes Vultos do Espiritismo* (2ª ed.), Ed. FEESP, São Paulo, 1990.

[9] – Aécio Pereira Chagas; “A Bibliografia Espírita”, *Revista Internacional de Espiritismo*, setembro de 1991, p. 235.

[10] – Allan Kardec; *O Livro dos Espíritos*, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1994.

[11] – Homero Moraes Barros, *O Espiritismo em Linguagem Fácil*, Casa Editora O Clarim, Matão (SP), s/data.

[12] – Homero Moraes Barros, *Ensino dos Espíritos*, Casa Editora O Clarim, Matão (SP), s/data.

[13] – Martins Peralva, *Estudando a Mediunidade*, Edição FEB, Rio de Janeiro, 1971.

[14] – Allan Kardec, *O Principiante Espírita*, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1969.

[15] – Francisco Cândido Xavier; *Parnaso de*

*Além-túmulo* (8ª ed.), Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1967.

[16] – Idem ref. [15], p. 209.

[17] – Allan Kardec; *O Livro dos Médiuns*, Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1996, segunda parte, cap. XXIV.

[18] – Alexandre Carioli Rocha, *A poesia transcendente de Parnaso de além túmulo*, tese de mestrado, IEL – Unicamp, Campinas (SP), 2001.

[19] – Alexandre Caroli Rocha, “A Formação do ‘Parnaso de Além-túmulo’”, *Alavanca*, Campinas (SP), junho 2002, nº 473, p. 4.

[20] – idem ref [4], Setembro de 1861, p. 273.

[21] – Waldo Vieira; *Cristo Espera por Ti*, Honoré de Balzac (espírito), IDE, Araras (SP), 1983.

[22] – Osmar Ramos Filho; *O Aveso de um Balzac Contemporâneo: arqueologia de um pasticho*, Publicações Lachâtre, Niterói, 1995.

[23] – idem ref. [4]. Dezembro de 1864, p. 368. ■

## Entre o erro e o acerto

Corydus Mansores

O ser eterno tem necessidade  
do bem e mal para discernimento;  
se o mal predomina num momento,  
noutro momento encontra a realidade.

É pela busca incessante da verdade  
que, constante, empenhamos o talento;  
mal empenhado vai gerar tormento,  
bem empregado traz serenidade.

Caminhando por séculos afora  
entre o erro e o acerto, hora a hora  
o progresso transforma nosso ser.

Apesar dos problemas infinitos,  
da dor suprema, tormentosos gritos,  
sempre o amor do PAI há de vencer.

## SEARA ESPÍRITA

### DIJ/FEB: Curso para Evangelizadores

O Departamento de Infância e Juventude da FEB realizou na Sede Central, em Brasília, nos dias 22 e 23 de fevereiro, o Curso de Atualização de Evangelizadores 2003, tendo como público-alvo os Evangelizadores da Infância e Juventude do Campo Experimental de Brasília, colaboradores e interessados na tarefa de evangelização. Objetivos: Atualizar os evangelizadores nos aspectos pedagógicos e doutrinários; favorecer o conhecimento das características do desenvolvimento psicológico das crianças e dos jovens; promover a integração entre os colaboradores do DIJ, além de outros. Conteúdo programático: Evangelização Espírita Infanto-Juvenil; Planejamento Didático; Recursos Didáticos e o Processo Ensino-Aprendizagem; Técnicas de Ensino; e Desenvolvimento Psicológico e Social da Infância e da Juventude.

### MEDNESP 2003

A Associação Médico-Espírita do Brasil promoverá no Centro de Convenções Anhembi, em São Paulo (SP), de 18 a 21 de junho, o MEDNESP 2003, que compreende o IV Congresso Nacional da Associação Médico-Espírita do Brasil e o II Encontro Internacional de Médicos-Espíritos. O evento contará com os convidados internacionais – Amit Goswami, físico, autor do livro *O Universo Autoconsciente*, e Uma Krishnamurthy, psiquiatra infantil, com o tema *Estados Alterados de Consciência e Saúde Mental*. Pré-Congresso: haverá um Seminário com Divaldo Pereira Franco.

### ICEB: Ano letivo de 2003

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil promoveu em 8 de março, às 15 horas, na sua sede (Rua São Francisco Xavier, 609-fundos – Maracanã – Rio de Janeiro-RJ) a aula inaugural do ano letivo de 2003, pelo expositor Eduardo Guimarães (RJ). Em janeiro e fevereiro realizou palestras aos sábados, em sua “Programação de Férias”.

### Alagoas: Encontro de Jovens Espíritas

A Federação Espírita do Estado de Alagoas realiza, em Maceió, através de sua Coordenação para Assuntos Doutrinários (DIJ/ESDE), o EJEAL – Encontro de

Jovens Espíritas de Alagoas –, no período de 17 a 20 de abril corrente, com o tema central *A Conquista da Paz*. No domingo, dia 20, o evento será encerrado com uma caminhada pela orla da praia de Ponta Verde, com o slogan *Em Alagoas, somos pela Paz*, da qual participarão diversas entidades representativas da sociedade alagoana.

### Paraná: Simpósio Paranaense de Espiritismo

A Federação Espírita do Paraná promove, no período de 25 a 27 deste mês, o VI Simpósio Paranaense de Espiritismo, no Ginásio do Círculo Militar do Paraná, em Curitiba, com o tema *Faces da Violência*. Os coordenadores do evento – Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira – abordam, em duas conferências, dois seminários e um painel, assuntos de grande interesse nos dias atuais, como: *Obsessão e violência; Educação e violência*, além de outros.

### Rio de Janeiro: Simpósio de Dirigentes Espíritas

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro promoveu em sua sede, no dia 23 de março, o XI Simpósio de Dirigentes Espíritas, tendo por objetivo o lançamento do Projeto – *Prevenção ao uso indevido de Drogas*. Temas abordados, entre outros: Responsabilidade Social e o Papel da Casa Espírita no Trabalho Preventivo; O Trabalho Preventivo na Comunidade e no Movimento Espírita.

### USE/SP: Simpósio de Profissionais do Direito

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo promoverá em 31 de maio próximo, na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo, o I Simpósio de Profissionais do Direito Espíritas, em conjunto com as seguintes Instituições Especializadas: União dos Delegados Espíritas do Estado de São Paulo, Associação dos Magistrados Espíritas do Brasil e Associação Médico-Espírita de São Paulo. Serão recebidas pela USE/SP (Rua Gabriel Piza, 433 – Santana – São Paulo-SP) até o dia 30 de abril, propostas escritas (máximo de 60 linhas) para análise.

*Divulgue o*

# *ESPIRITISMO,*

*UMA NOVA ERA*

*PARA A HUMANIDADE*

*DEUS,*

*INTELIGÊNCIA SUPREMA,*

*CAUSA PRIMEIRA DE TODAS AS COISAS*

*JESUS,*

*O GUIA E MODELO*

*KARDEC,*

*A BASE FUNDAMENTAL*



- *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*
- *O LIVRO DOS MÉDIUNS*
- *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*
- *O CÉU E O INFERNO*
- *A GÊNESE*

**“FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO”**

*Caridade: benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. (LE, 886)*

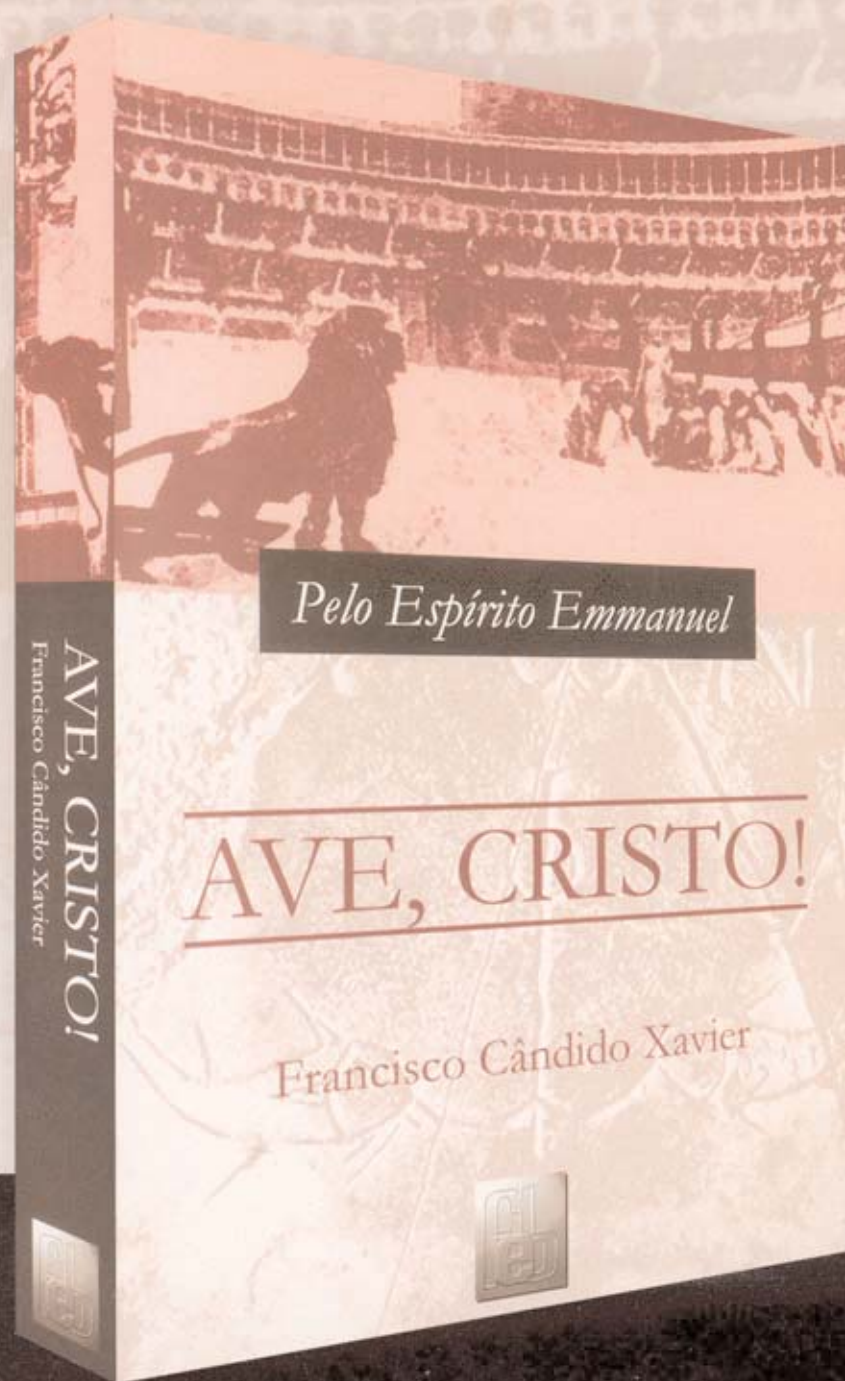


Conselho Espírita Internacional



Federação Espírita Brasileira

Ave, Cristo! Os que vão viver para sempre te glorificam e saúdam!



# AVE, CRISTO! 50 ANOS

1ª Edição Especial - 10.000 exemplares  
20ª Edição Comum - 237.000 exemplares